



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

A TRANSIÇÃO DO FUTEBOL DE 7 PARA O FUTEBOL DE 11 DE ACORDO COM PRINCÍPIOS DE JOGO COMUNS

Estudo de Comparativo com equipas de Infantis e Iniciados

Dissertação apresentada
à Faculdade de Desporto
da Universidade do Porto,
como requisito para a
obtenção do 2º Ciclo de
estudos em Treino de Alto
Rendimento Desportivo,
ao abrigo do Decreto-Lei
no 74/2006 de 24 de
Março.

Orientador: Mestre José Guilherme Granja Oliveira

Fábio André da Silva Ferreira

Porto, Setembro de 2013

Ferreira, F. (2013). *A transição do Futebol de 7 para o Futebol de 11 de acordo com princípios de jogo comuns*. Porto: F. Ferreira. Dissertação de Mestrado para a obtenção do grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento Desportivo, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-Chave: FUTEBOL, PRINCÍPIOS DE JOGO COMUNS, FORMAÇÃO, TRANSIÇÃO, ESTRUTURAS FORMAIS DE JOGO.

Agradecimentos

A elaboração deste trabalho não seria possível sem o contributo, a colaboração, o estímulo, e apoio de todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta tarefa se tornasse possível. Obrigado!

Ao meu orientador, **Professor José Guilherme**, por toda a ajuda prestada ao longo da elaboração desta dissertação, pelos conselhos e orientações que contribuíram para o enriquecimento do mesmo, assim como pela disponibilidade que teve. A minha formação académica ficará marcada positivamente pela orientação do Professor.

A todos os **docentes da FADEUP**, em especial ao Professor André Seabra pela ajuda no tratamento estatístico dos dados.

A toda a minha **família**, em especial aos meus **PAIS** por todo o apoio e carinho demonstrado nos bons e maus momentos desde a minha existência. Sem o vosso amor esta meta nunca seria concluída. São o sentido da minha existência.

À **Anita**, por todos os bons momentos passados e por ter feito parte integral da minha vida durante os últimos 5 anos que coincidiram com o meu percurso académico.

Aos meus amigos **Peixoto, Vítor, Bumba, Cavaco e Ângelo** pela amizade e por todos os momentos que passamos juntos que, ainda assim espero que sejam muitos mais!

Aos meus amigos **Treinadores** que trabalharam comigo durante as últimas 4 temporadas, pois todos contribuíram para a minha aprendizagem e evolução.

A todos os que foram meus **Jogadores**, que contribuíram para que me fosse motivando cada vez mais e evoluísse. Sem eles não seria possível!

Aos meus **amigos de Licenciatura e de Mestrado** pelo companheirismo, amizade e momentos de diversão que tivemos juntos.

A todos aqueles, que por lapso me posso esquecer, que foram fazendo e fazem parte da minha vida e que, certamente, de uma forma ou de outra sempre me ajudaram.

Índice de Geral

AGRADECIMENTOS	III
ÍNDICE DE GERAL	V
ÍNDICE DE FIGURAS	IX
ÍNDICE DE QUADROS	XI
LISTA DE ABREVIATURAS	XIII
RESUMO	XV
ABSTRACT	XVII
1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO DA LITERATURA	5
2.1 FUTEBOL JUVENIL EM PORTUGAL	5
2.1.1 PRINCIPAIS PROBLEMAS QUE AFETAM O FUTEBOL JOVEM EM PORTUGAL	11
2.1.2 FUTEBOL DE FORMAÇÃO: UMA ETAPA DE FORMAÇÃO DE CRIANÇAS	15
2.1.2.1 Características das crianças: aspectos importantes para o desenvolvimento das capacidades dos jovens futebolistas	20
2.1.2.2 Os quadros competitivos nos escalões de formação	25
2.1.2.3 Introdução da variante Futebol 7 – mais do que uma obrigação uma necessidade	27
2.1.2.3.1 Aumento progressivo dos jogadores em função da idade	32
2.1.2.4 Problema relacionado com a introdução de uma nova variante: a transição do Futebol de 7 para o Futebol de 11	34
2.1.2.5 Análise às diferenças inerentes às regras (Futebol de 7 vs Futebol de 11)	35
2.1.2.5.1 O terreno de jogo	36
2.1.2.5.2 Dimensões das Balizas	37
2.1.2.5.3 A bola	37
2.1.2.5.4 Número de jogadores	37
2.1.2.5.5 Duração do Jogo	38
2.1.2.5.6 Fora-de-Jogo	39

2.1.2.6 Novas posições no Jogo: uma circunstância provocada pela transição	40
2.2 MODELO DE JOGO	43
2.2.1 MODELO DE JOGO, O PATRIMÓNIO DE UM CLUBE	45
2.2.1.1 Ideia de jogo, o princípio de um processo que se desenvolve segundo a prática	48
2.2.1.2 Princípios de Jogo: um meio de promover um determinado “jogar”	49
2.2.1.3 Repetição Sistemática dos Princípios: uma forma de facilitar a adaptação dos jogadores em formação	51
2.2.1.4 Exercício, um meio para a Especificidade	52
2.2.1.4.1 Um jogo dependente das tomadas de decisão de cada singularidade	54
2.2.2 MODELO DE JOGO DAS EQUIPAS ANALISADAS: ALGUMAS NUANCES A TER EM CONTA	56
2.2.2.1 A Posse de Bola	56
2.2.2.1.1 O passe como meio fundamental para a posse de bola	58
2.2.2.2 Métodos/Estilos de Jogo Ofensivo	59
2.3 TREINADOR DA FORMAÇÃO	63
2.3.1 A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM POR PARTE DOS TREINADORES DE UM MESMO CLUBE	65
2.3.2 A INTERVENÇÃO DO TREINADOR, UM MEIO QUE CONFERE ESPECIFICIDADE AO EXERCÍCIO	66
3. PROBLEMAS, OBJETIVOS, HIPÓTESES	69
3.1 PROBLEMA	69
3.2 OBJETIVOS DO ESTUDO	70
3.3 HIPÓTESES DO ESTUDO	71
4. MATERIAL E MÉTODOS	73
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	73
4.2 METODOLOGIA	73
4.3 VARIÁVEIS OBSERVADAS	74
4.4 INSTRUMENTOS	76

4.4 FIABILIDADE DA OBSERVAÇÃO	76
4.5 PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS	77
5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	79
5.1 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS	79
5.1.1 ANÁLISE DO SETOR DE INÍCIO DO PROCESSO OFENSIVO	79
5.1.2 ANÁLISE DO SETOR DE INÍCIO DO PROCESSO OFENSIVO RESULTANTE EM AÇÕES DE FINALIZAÇÃO	81
5.1.3 ANÁLISE DO SETOR DE INÍCIO DO PROCESSO OFENSIVO RESULTANTE EM GOLO	83
5.1.4 ANÁLISE AO MÉTODO/ESTILO DE JOGO RESULTANTE EM AÇÕES DE FINALIZAÇÃO	84
5.1.5 ANÁLISE DO MÉTODO/ESTILO DE JOGO RESULTANTE EM GOLO	86
5.1.6 ANÁLISE QUALITATIVA DOS RESULTADOS	88
6. CONCLUSÕES	91
7. SUGESTÕES E PROPOSTAS PARA ESTUDOS FUTUROS	93
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
ANEXOS	XIX

Índice de Figuras

FIGURA 1 - Formato do Campo dividido em 12 zonas (Garganta, 1997; Silva, 2004 cit. por Barreira, 2006, p 95). **75**

Índice de Quadros

QUADRO 1 – Principais diferenças entre o Futebol Infantil e o Futebol de Adultos (Adaptado de G. Rusca, 1999, cit. por Pacheco, 2001, p 20)	17
QUADRO 2 – Etapas de preparação do jogador de Futebol. (Adaptado de A. T. Marques ; Cit. Garganta, 1986. In Horizonte – Revista de Educação Física e Desporto , Vol. III – no 15, dossier)	22
QUADRO 3 – Análise comparativa entre as vantagens do Futebol de 7 e as desvantagens do Futebol de 11 (Pacheco, 2001. <i>O ensino do Futebol. Futebol de 7 - Um Jogo de Iniciação ao Futebol de 11</i> , p 37)	30
QUADRO 4 – Progressão gradual do número de jogadores a incluir nos jogos dos escalões de formação do Futebol. (Adaptado de Pacheco, 2001. <i>O ensino do Futebol. Futebol de 7 - Um Jogo de Iniciação ao Futebol de 11</i> , p 90)	34
QUADRO 5 – Resumo das características de cada método de jogo ofensivo (Adaptado de Morgado, 1999:26, cit. por Barreira, 2006, p 71)	60
QUADRO 6 – Fiabilidade intra-observador (percentagem de acordos entre as variáveis)	77
QUADRO 7 – Análise comparativa do Setor de Início do Processo Ofensivo no Futebol de 7 (Infantis) e no Futebol de 11 (Iniciados)	79
QUADRO 8 – Análise comparativa do Setor de Início do Processo Ofensivo resultante em Ações de Finalização no Futebol de 7 (Infantis) e no Futebol de 11 (Iniciados)	81
QUADRO 9 – Análise comparativa do Setor de Início do Processo Ofensivo resultante em Golo no Futebol de 7 (Infantis) e no Futebol de 11 (Iniciados)	83

QUADRO 10 – Análise comparativa entre o Método de Jogo utilizado para a criação de situações de finalização no Futebol de 7 (Infantis) e no Futebol de 11 (Iniciados) **84**

QUADRO 11 – Análise comparativa entre o Método de Jogo utilizado para a obtenção de Golo no Futebol de 7 (Infantis) e no Futebol de 11 (Iniciados) **87**

Lista de Abreviaturas

AP – Ataque Posicional

AR – Ataque Rápido

BP – Bola Parada

CA – Contra-Ataque

IPO – Início do Processo Ofensivo

MJAF – Método/Estilo de Jogo resultante em Ações de Finalização

MJG – Método/Estilo de Jogo resultante em Golo

SD – Setor Defensivo

SIPO – Setor de Início do Processo Ofensivo

SIPOAF – Setor de Início do Processo Ofensivo resultante em Ações de Finalização

SIPOG – Setor de Início do Processo Ofensivo resultante em Golo

SMD – Setor Médio Defensivo

SMO – Setor Médio Ofensivo

SO – Setor Ofensivo

Resumo

O presente estudo tem como objetivos verificar se a utilização de princípios de jogo comuns é um fator que ajuda na transição do Futebol de 7 para o Futebol de 11.

A amostra utilizada no presente estudo integra as ações ofensivas observadas em 10 jogos de Futebol de 7 e em 5 jogos de Futebol de 11. Nas ações do processo ofensivo foram analisadas as seguintes variáveis: setor de início do processo ofensivo, setor de início do processo ofensivo resultante em ações de finalização, setor de início do processo ofensivo resultante em gol, método de jogo utilizado para obter situações de finalização e método de jogo através do qual se obteve gol.

A análise dos dados foi efetuada através de estatística descritiva, para o cálculo da Média, Desvio-Padrão e da Percentagem. A comparação e identificação das diferenças entre os grupos foram realizadas através do “Teste T – Student”.

Do estudo foram apuradas as seguintes conclusões: (1) As diferenças encontradas para o início do processo ofensivo no setor médio defensivo e no setor médio ofensivo parecem estar relacionadas com as regras inerentes a cada uma das estruturas formais de jogo; (2) As diferenças encontradas para o setor defensivo e para o setor ofensivo no que diz respeito à forma como a equipa obtém situações de finalização parecem estar relacionadas com a utilização da regra do fora-de-jogo a partir da linha do meio campo no Futebol de 11 e com a menor qualidade técnica dos praticantes do Futebol de 7; (3) Existe congruência nos resultados obtidos para o setor onde os golos são iniciados; (4) As diferenças encontradas para as situações de finalização obtidas através de contra-ataques parecem estar relacionadas com o menor número de jogadores utilizados no Futebol de 7; (5) As diferenças encontradas para os golos obtidos através de ataque posicional, parecem estar relacionadas com o menor número de jogadores no Futebol de 7.

Em função dos resultados obtidos, parece-nos legítimo afirmar que a utilização de princípios de jogo comuns parecem ajudar na transição do Futebol de 7 para o Futebol de 11. As diferenças encontradas no estudo parecem estar relacionadas com as diferenças nas regras do jogo e um nível superior de jogo por parte dos praticantes de Futebol de 11, que tem influência na dinâmica do jogo e na forma como as equipas se expressam em campo.

Palavras-chave: FUTEBOL 7, FUTEBOL 11, FORMAÇÃO, PRINCÍPIOS DE JOGO.

Abstract

This study aims to check if the use of common game principles is one factor that helps in the transition from the Football 7 to the Football 11.

The sample used in this study includes offensive actions observed in 10 games of Football 7 and 5 games of Football 11. In the actions of the offensive process we analyzed the following variables: starting sector of the offensive process, starting sector of the offensive process resulting in finalization situations, starting sector of the offensive process resulting in a goal, playing method / style used to get finalization situations and playing method / style through which goal was achieved.

Data was analyzed using descriptive statistics to calculate the Average, Standard Deviation and Percentage. The comparison and identification of differences between groups were performed using “T Test – Student”.

From the study were reached the following conclusions: (1) the differences found for the initiation of the offensive process in the defensive midfielder sector and in the offensive midfielder sector seem to be related with the rules for each of the formal structures of play; (2) the differences found for the defensive sector and in the offensive sector as the teams get finalization situations seem to be related with the use of the offside rule from the middle line of the Football 11's field with lower technical quality of the Football 7's players; (3) There's a congruence in the results for the sector where the goals are started; (4) The differences found for the finalization situations by counterattacks seem to be related to the smaller number of players used in Football 7; (5) The differences found for the goals achieved through positional attack, seem to be related to the smaller number of players in Football 7.

Given the stability of much of the results of the variables when comparing the two structures of Football, it seems legitimate to reinforce the idea that the use of common game principles seem to help in the transition from the Football 7 to the Football 11, despite in some cases there is no stability due to the change in rules that have some influence on the dynamics of the game and how the teams are expressed in the field.

Keywords: FOOTBALL 7, FOOTBALL 11, FORMATION, GAME PRINCIPLES.

1. INTRODUÇÃO

O Futebol é um jogo desportivo coletivo com uma grande popularidade que ocupa um lugar de bastante importância no desporto moderno, onde se apresenta não só como um espetáculo desportivo, mas também como um meio da educação física e um campo de aplicação da ciência (Garganta, 2002).

Deste modo, para grande parte dos adeptos, o Futebol constitui um fenómeno de simples diversão envolvido numa lógica de entusiasmo em volta de um clube sem qualquer rigor metodológico, sendo a vitória extremamente valorizada, ou seja, o único resultado que verdadeiramente interessa.

Assim, é fundamental que se perceba que o Futebol é um fenómeno bastante complexo e que a construção de uma equipa e de um “jogar” é um processo complicado que, por vezes, demora algum tempo para se manifestar da melhor forma.

Em consonância com esta particularidade, o Futebol tem sofrido algumas alterações nos últimos anos, principalmente com a introdução da Lei de Bosman (1995) que resultou na liberdade contratual e fim das restrições para jogadores nascidos nos países da União Europeia. Desta forma, os clubes com maior poder económico têm mais facilidade em contratar os jogadores que pretendem dos clubes mais pequenos a nível financeiro, de forma a tornarem as suas equipas capazes de lutar pela conquista de todos os títulos nacionais e internacionais. Por outro lado, os clubes com menor poder económico vêm-se obrigados a vender os seus melhores jogadores, perdendo qualidade para a sua equipa, dado que não possuem a mesma capacidade financeira para recrutar os jogadores que pretendem.

Assim sendo, os clubes sentem uma necessidade cada vez maior de uma aposta séria na formação de crianças e jovens futebolistas, no sentido de manterem a sua equipa sustentável do ponto de vista financeiro e desportivo.

Desta forma, cada vez mais clubes têm escolas de Futebol para que as crianças comecem a praticar Futebol desde muito cedo, no sentido de oferecer aos jovens futebolistas em formação um processo de ensino-aprendizagem e

aumentar o número de horas de prática e contacto com a bola, algo que anteriormente era obtido através do Futebol de Rua, que tem vindo a desaparecer em função do desenvolvimento das sociedades e da carga horária cada vez maior em atividades curriculares e extracurriculares das crianças.

Assim sendo, o processo ensino-aprendizagem para as crianças e jovens futebolistas em formação constitui um percurso longo e complexo que deve ser conduzido através de linhas conceptuais e metodológicas para que os jovens praticantes tenham uma formação de excelência para que possam expressar o seu potencial na equipa principal do clube. Assim, Pacheco (2001) refere a formação de futebolistas é uma atividade pedagógica aliciante e atrativa, que exige por parte de quem a dirige uma qualificação adequada ao cargo, assim como um elevado nível de responsabilidade com o praticante, o sistema desportivo e a sociedade.

Neste sentido, face à complexidade do processo de formação, surgiu a necessidade de adaptar o jogo de Futebol às características e capacidades das crianças com a introdução de diversas estruturas formais de jogo de acordo com a idade e o nível de jogo do futebolista em formação.

No entanto, a introdução de outras estruturas formais de jogo nem sempre foram consensuais, denotando-se algum imobilismo no nosso país que só se adaptou a esta realidade depois da UEFA impor por decreto a obrigatoriedade do Futebol de 7 para os escalões etários de Sub-10 e Sub-12 a partir do ano 2000.

Com a introdução de outras estruturas formais de jogo que servem melhor as características das crianças e dos jovens em formação surgiu a transição entre as diversas estruturas. Esta transição é encarada como uma fase complicada na vida desportiva dos jogadores, dado que estes passam por um período de adaptação, o que deverá ser tido em atenção pelos treinadores para que respeitem as necessidades dos jovens em formação.

No entanto, apesar da prática do Futebol de 7 ser vista como uma estrutura de jogo que respeita as características psico-evolutivas da criança e o seu nível de jogo, alguns profissionais ligados ao Futebol referem que irão

existir grandes dificuldades de adaptação aquando da passagem para o Futebol de 11.

Na transição que acontece do Futebol de 7 para o Futebol de 11, os jogadores têm que se adaptar às dimensões do terreno de jogo, da baliza, às dimensões e peso da bola, à duração do jogo, à alteração da regra do fora-de-jogo e ao aumento do número de jogadores, fatores que aumentam a complexidade do jogo. Esta transição torna-se ainda mais complexa devido à existência de novas posições no jogo com características e funções diferentes em virtude da mudança para uma estrutura diferente.

Deste modo, pretendemos verificar se o processo de treino das crianças e jovens futebolistas quando conduzido e orientado de acordo com princípios de jogo comuns entre os escalões de formação do mesmo clube são um fator facilitador da transição para outra estrutura formal de jogo, para perceber se existe uma relação progressiva entre o Futebol de 7 e o Futebol de 11.

Constata-se que apesar da formação de jovens futebolistas ser um processo de elevada complexidade, é o caminho a seguir para manter elevados níveis de jogo no Futebol de rendimento. Deste modo, Sousa (2007) defende que sem Futebol de Base é impossível alimentar o Futebol de rendimento superior.

É por isso nossa intenção, com a realização desta dissertação, levar a um maior entendimento do fenómeno da formação e da transição de novas estruturas formais de jogo, facilitando-a e cientificando-a, num raciocínio lógico devidamente estruturado e fundamentado.

Assim, consideramos ser importante a realização de estudos que nos permitam caracterizar a forma como os diversos escalões etários que utilizam os mesmos princípios de jogo em diferentes estruturas formais de jogo se manifestam no momento ofensivo, para verificar se existe uma relação de progressão nas diversas estruturas do Futebol.

Com o propósito apresentado, o presente estudo será estruturado de acordo com os seguintes pontos:

1. Introdução: onde apresentamos e justificamos a pertinência do estudo e delimitamos o problema;
2. Revisão da Literatura: que consiste numa revisão da literatura onde articulamos um conjunto de informação que consideramos relevantes sobre o tema em estudo;
3. Problemas, Objectivos e Hipóteses: onde sistematizamos o problema, os objectivos gerais e específicos do trabalho, bem como as hipóteses formuladas;
4. Material e Métodos: onde fazemos a apresentação do material e métodos a partir dos quais desenvolvemos o nosso trabalho;
5. Apresentação e Discussão dos Resultados: onde fazemos a análise e discussão dos dados sustentando e confrontando os conceitos desenvolvidos na revisão bibliográfica com os dados provenientes do estudo;
6. Conclusões: onde apresentamos as conclusões mais relevantes de uma forma direta;
7. Sugestões para Futuros Estudos: onde serão dadas sugestões para a realização de futuros estudos;
8. Referências Bibliográficas: onde mencionamos as referências bibliográficas que nos serviram de base à realização deste estudo;
9. Anexos: onde serão anexadas a ficha de observação utilizada para a análise dos jogos.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Futebol Juvenil em Portugal

O Futebol é uma modalidade desportiva pertencente aos Jogos Desportivos Coletivos, que têm vindo a assumir um papel preponderante nas sociedades, do ponto de vista cultural, social e económico, fazendo parte do quotidiano das pessoas. Podemos verificar esta situação com as palavras de Garganta e Pinto (1994) que defendem que o Futebol é uma atividade com grande popularidade, podendo ser comprovado pelo elevado número de praticantes e espetadores que move. Na mesma perspetiva Garganta (2002) defende que o futebol ocupa um lugar importante no desporto contemporâneo, uma vez que não é somente um espetáculo desportivo, mas também um meio de educação física e um campo de aplicação da ciência.

Porém, nos últimos anos, o Futebol tem vindo a padecer de uma série de alterações com a implementação da lei de Bosman em 1995, que culminou na liberdade contratual e fim das restrições para jogadores nascidos nos países da União Europeia. Assim, clubes de países com menor poder económico perderam a capacidade de fazer frente aos grandes mercados europeus, uma vez que perdem os seus melhores jogadores para os clubes mais ricos e não têm a mesma capacidade de recrutar jogadores. Como exemplo disso, podemos reparar que desde a implementação da Lei de Bosman (1995), a Liga dos Campeões foi vencida por equipas de países com um poder económico maior como Inglaterra, Espanha, Itália e Alemanha. Apenas o F.C. Porto conseguiu interromper este domínio e tornar-se campeão europeu em 2003/2004.

De acordo com Pacheco (2001) a transformação dos clubes em sociedades desportivas, a influência dos agentes de carreiras (empresários), a força do poder económico das cadeias de televisão e o novo quadro competitivo da Liga dos Campeões obrigaram os mercados periféricos do “Mundo do Futebol” (como é o caso de Portugal), que não possuem grande poder económico para competirem de igual para igual com as restantes

equipas da Europa, a terem que se adaptar a esta nova realidade. Assim, os clubes vêm-se obrigados a repensar estratégias para o desenvolvimento da sua estrutura, de forma a manterem um desenvolvimento sustentável do ponto de vista financeiro e desportivo.

Aliado a isto, e tendo em conta que estamos a atravessar uma crise económica mundial, leva a que cada vez mais os clubes tenham dificuldades em se manterem competitivos, existindo um fosso maior entre os mesmos, saindo beneficiados os que possuem maior poder económico. Devido a esta situação, existe uma necessidade cada vez maior de recorrer à formação de jogadores. Santos (2012) defende que com o instalar e acentuar da crise económica mundial, os clubes têm sentido a necessidade de formar os seus próprios jogadores, preparando-os para a carreira enquanto séniores nos respectivos clubes.

Moita (2008) defende que uma aposta séria e organizada na formação de jovens jogadores por parte dos clubes pode ser encarada como um aspeto decisivo para o sucesso dos mesmos, não apenas no plano desportivo, como também do ponto de vista financeiro, tendo em conta a possibilidade de se poderem vir a tornar futuros jogadores do plantel sénior. De acordo com o mesmo autor, isso poderá resultar numa poupança do ponto de vista financeiro por parte do clube, que não terá necessidade de contratar jogadores a outros clubes e poderá vender os jogadores que formou.

No seguimento desta ideia, Pacheco (2001) defende que a aposta séria na formação de jogadores, tem vindo a ganhar destaque no panorama desta modalidade, evidenciando ser um caminho a explorar, de forma a garantir uma posição de destaque no contexto do Futebol mundial.

Também Pereira (1996, cit. por Cunha 2007, p 4) acredita que a formação é o primeiro passo para o alto rendimento e a este nível o treino surge como o epicentro de todo o processo. Desta forma, a relação de ensino/aprendizagem, a conexão entre treinador/jogador onde a partilha de conhecimentos e informação deve possuir qualidade, assume um papel preponderante na formação do jogador, levando a inúmeras preocupações por parte dos profissionais do desporto (neste caso mais específico do Futebol)

pois o limite que separa o sucesso do insucesso pode ser muito reduzido. Por isso, a existência de contextos qualitativos e competitivos durante o treino é um aspeto crucial ao nível da formação, assim como a qualidade por parte de quem dá a conhecer o Futebol (professor/treinador) (Gomes, 2009).

Todos estes fatores levam os clubes a procurarem uma aposta séria na formação, potenciando e valorizando os jogadores que são formados pelos próprios clubes, alterando algumas tendências no que diz respeito ao treino, uma vez que o dinheiro para transferências de futebolistas é cada vez menor em equipas de menor dimensão e estas têm a necessidade de recorrer aos jovens formados no próprio clube.

Concomitantemente, o desenvolvimento que as sociedades têm sofrido, a necessidade crescente de uma maior aposta na formação e o fascínio que as crianças vêm no Futebol é encarado como uma forma de atingir sucesso a nível social e económico, o que tem vindo a aumentar o interesse pela prática desportiva, contribuindo para que cada vez mais crianças e jovens iniciem a sua prática desportiva precocemente.

Assim, a iniciação desportiva precoce no Futebol assume um papel preponderante na formação do jovem futebolista, para que este possa experienciar, errar e tomar as suas próprias decisões de forma a obter a evolução desejada, tal como podemos verificar nas palavras de Graça (2008, cit. por Gomes, 2008, p 96) “ (...) podemos dizer que a formação do Futebolista propriamente dita pode e deve começar muito cedo.” Esta afirmação pode ser suportada através da teoria da Prática Deliberada elaborada por Ericsson et al. (1993) que defende que o alto nível de desempenho de um perito está relacionado com a quantidade de horas de prática (que deve ser no mínimo de 10 anos ou de 10000 horas de treino) e com a qualidade do processo ao qual o jogador foi submetido. Desta forma, o autor rejeita a perspetiva de que as prestações de excelência estão dependentes do talento inato dos jogadores, defendendo que a quantidade de horas de exposição à prática é o aspeto que mais contribui para se atingir patamares de excelência.

Sabendo da importância de uma iniciação desportiva precoce, não podemos deixar de referir que devido ao desenvolvimento das sociedades

(menos disponibilidade horária por parte das pessoas, maior carga horária escolar para as crianças e a existência de cada vez menos espaços livres, principalmente nas grandes cidades), as crianças têm vindo a perder o seu espaço de iniciação desportiva, que antigamente se dava nas ruas com o denominado Futebol de Rua, algo que tem vindo a desaparecer. Isto pode ser comprovado através das palavras de Garganta (2006, cit. por Moita, M., 2008, p 15) que realça que hoje em dia, devido ao progresso das cidades, da diminuição dos espaços e do tempo disponível, é complicado encontrar espaços nos quais se possa jogar livremente, tendo-se verificado uma diminuição da prática do Futebol de Rua.

Na mesma ordem de ideias, Ramos (2003, cit. por Moita, M., 2008, p 13) realça que o período que antecede a entrada dos jogadores nos clubes era fundamentalmente vivido na rua, espaço onde muitos dos jogadores de alto nível iniciam a sua prática desportiva de uma forma completamente espontânea e sem nenhuma base teórica na orientação da sua aprendizagem. E se recuarmos alguns anos e pensarmos em futebolistas de top, como Pelé, Eusébio, Maradona, Cruyff, Ronaldo, Ronaldinho, Cristiano Ronaldo ou Messi onde é que eles começaram a jogar? Todos eles tiveram o seu primeiro contacto com a bola na rua.

Também Michels (2001) defende que o Futebol de Rua era o plano educacional mais natural que poderia ser descoberto. Se estudarmos o Futebol de Rua, concluiremos que a sua força reside no facto de se jogar diariamente de uma forma competitiva, podendo jogar-se em todos os tipos de terreno, fazendo-o normalmente em grupos pequenos. De acordo com o mesmo autor, no Futebol de Rua raramente vimos os miúdos a praticar gestos técnicos ou táticos de uma forma isolada.

Desta forma, podemos dizer que o Futebol de Rua, assumiu um papel crucial na formação de jovens futebolistas, pois constitui o primeiro contacto que as crianças têm com o Futebol.

No entanto, com o desaparecimento do Futebol de Rua, este desporto tem vindo a perder o trabalho de base, que antigamente as crianças adquiriam nas ruas, sozinhas a jogar entre si, porque os jovens futebolistas não têm uma

exposição à prática tão grande como antigamente, dado que hoje em dia apenas jogam Futebol nos seus clubes.

“A minha geração passava muitas mais horas a jogar futebol do que os miúdos de hoje em dia. Atualmente, os jovens só jogam futebol nos seus clubes e, por isso, há que dar muito mais ênfase ao trabalho de base.”

Cruffy (2004, cit. por Moita, M., 2008, p 16)

Desta forma, para combater o desaparecimento do Futebol de Rua, as designadas Escolas de Futebol têm vindo a ganhar espaço dentro desta modalidade, assumindo-se como uma séria alternativa ao Futebol de Rua. Fonseca (2006) acredita que as Escolas de Futebol podem estreitar a relação da criança com o jogo, o que se verificava com o Futebol de Rua há alguns anos atrás.

Contudo, as Escolas de Futebol devem zelar por algumas características do Futebol de Rua, como é o caso do elevado número de horas de exposição à prática, a variabilidade de estímulos e referências visuais, os graus de dificuldade muito variados, a espontaneidade, e a capacidade de tomada de decisão sem que a criança tenha medo do erro, de forma a se manterem as particularidades que o Futebol de Rua promovia, tratando-se como que uma aprendizagem natural do Futebol. Assim, vamos ao encontro das palavras de Lobo (2007) que realça: *“O que afinal os centros de formação ou escolinhas devem procurar é isso mesmo. Reproduzir em laboratório o futebol de rua – que quase desapareceu das nossas cidades - e cruzá-lo, depois, com melhores condições de lapidar o talento, a nível físico (nutrição, coordenação corporal, etc). Tudo porém sem beliscar os instintos naturais.”*

“ A procura crescente de Escolas de Futebol revela-se e tem que se revelar benéfica para a melhoria da qualidade dos jogadores porque atualmente é só nas Escolas de Futebol ou nos clubes de Futebol que as crianças jogam futebol.”

Amândio Graça (2009, Entrevista in Gomes, 2009)

Assim, fazendo uma análise ao caso mais específico do Futebol Português, ao longo dos anos, algumas pessoas ligadas à modalidade têm vindo a fazer algumas referências ao estado atual da formação do nosso país.

De acordo com Jesualdo Ferreira (1999, cit. por Pacheco, 2001, p 13) “a nossa formação de jogadores é deficiente, a competitividade é baixa, há pouco trabalho...”. Tendo em conta a mesma análise, podemos usar as palavras de Rui Santos (2000, cit. por Pacheco, 2001, p 13): “Hoje há clubes que têm mais de uma centena de jovens atletas em atividade que servem unicamente de montra. Que condições de desenvolvimento técnico são dadas a esses jovens?”.

Por outro lado, Graça (2009, Entrevista in Gomes, 2009) defende que a formação em geral está a mudar, uma vez que já não é somente orientada para o trabalho técnico, com situações descontextualizadas. O mesmo autor refere que existe uma consciência maior e uma tendência para introduzir um novo tipo de trabalho.

No entanto, a evolução do futebol de formação no nosso país parece estar a processar-se de forma lenta. Como exemplo deste facto, Pacheco (2001) refere que em finais dos anos 80 e início dos anos 90, algumas propostas foram rejeitadas por partes dos dirigentes nacionais no sentido de reformular todo o Futebol nacional, no que diz respeito às estruturas do Futebol. Contudo, esta mesma proposta acabou mais tarde por ser imposta por decreto pela UEFA (União Europeia de Futebol Association), que impôs a obrigatoriedade do Futebol de 7 para os escalões etários de Sub-10 e Sub-12 a partir do ano 2000.

Pacheco (2001) realça ainda que a evolução no Futebol foi muito rápida e que parece não ter existido um ajustamento por parte dos agentes do Futebol (treinadores e dirigentes desportivos) a essas transformações, verificando-se um grande imobilismo e alguma indisponibilidade para debater os problemas do Futebol português, bem como para encontrar soluções viáveis.

Contudo, parece-nos existir uma reestruturação ao nível da formação, tanto ao nível das estruturas do Futebol como dos quadros competitivos.

Presentemente, a formação tem vindo a ganhar cada vez mais importância no nosso país nos dias correntes, de forma a resolver os problemas económicos dos nossos clubes e a manter o histórico de formação de jogadores de qualidade no nosso país devidamente intactos. Oliveira (2001, cit. por Moita, M., 2008, p 20) reforça que a aposta na formação é uma das grandes soluções para resolver os problemas económicos dos clubes. Desta forma, o mesmo autor, sugere a criação de estruturas, a alteração de conceitos e metodologias, de forma que *“o número de jovens com talento seja maior do que o da realidade atual”*.

Desta forma, parece-nos que a aposta na formação de jovens futebolistas seja o caminho mais viável para que o nosso país seja competitivo no contexto do Futebol internacional.

“A formação de jogadores de futebol é atualmente um requisito fundamental para os clubes de rendimento superior a nível mundial, procurando através deste longo período de preparação, formar jogadores com qualidade para integrar a equipa sénior.”

Fernandes (2004, p 1)

2.1.1 Principais problemas que afetam o Futebol jovem em Portugal

“Ao longo dos últimos anos temos assistido a uma perda de poder de competitividade dos clubes de futebol portugueses em relação aos seus congénitos dos países mais desenvolvidos da Europa tendo como causa óbvia a fragilidade económica dos nossos clubes em relação aos últimos. A forma abrupta e rápida da industrialização deste fenómeno social acabou por fortalecer os clubes mais ricos e, pelo contrário, obrigou aqueles com menor capacidade económica a verem partir a maioria dos seus talentos, ficando, como é lógico, mais enfraquecidos em relação aos seus opositores. O futebol português, do ponto de vista desportivo, acabou por sofrer a erosão normal de qualquer indústria que, pelo seu menor poder económico, não conseguiu

resistir ao poder dos grandes grupos económicos que estão por detrás da maior parte dos grandes clubes europeus.”

Rui Oliveira (2001:12)

A introdução da Lei de Bosman (1995) tem vindo a causar uma série de alterações no Futebol, provocando um fosso cada vez maior entre clubes, beneficiando as equipas que têm uma estrutura mais forte do ponto de vista económico, em detrimento das equipas com menor capacidade económica. Em virtude desta situação, podemos verificar cada vez mais um nível de competitividade mais baixa, por parte das equipas que não têm grande capacidade financeira para contratar jogadores a outros clubes (Oliveira, 2001).

O Ajax é um claro exemplo desta situação. Após várias conquistas a nível internacional nos anos 70, depois da conquista da Liga dos Campeões em 1995 (ano em que a Lei de Bosman foi introduzida) e da final perdida no ano seguinte na mesma competição, este clube nunca mais voltou a atingir os patamares alcançados anteriormente, devido à perda de jogadores da formação para clubes de maior poder económico e também pelo facto de não ter a mesma capacidade financeira para competir com equipas oriundas de campeonatos mais ricos (Scholten, 2005).

Desta forma, a formação torna-se um aspeto crucial como forma de elevar a qualidade de clubes com poder económico mais baixo, apostando nos jogadores formados pelos próprios clubes, a fim de tornar as competições mais equilibradas e competitivas. Assim, será possível manter os níveis de qualidade e manter os clubes sustentáveis do ponto de vista financeiro e desportivo.

Nesta ordem de ideias, Nelo Vingada (2004, cit. por Moita, M., 2008) refere que é um defensor acérrimo da formação e que o seu trabalho sempre foi conduzido nessa base. O mesmo autor defende a importância do futebol assumir a sua autonomia numa altura em que os apoios financeiros não são suficientes, podendo esta ser a solução para devolver o carácter populista ao jogo de Futebol.

Sabendo da importância da formação para a sustentabilidade dos clubes, é fundamental perceber em que aspecto, a formação de crianças e jovens futebolista se está a processar.

Apesar de existir uma certa tendência para a evolução ao nível da formação em Portugal, vários autores (Lopes, 2009; Frade, 2009; Rúben Micael, 2009) defendem que ainda há muito por onde evoluir. Tal pode ser comprovado através das palavras de Lopes (2009) que defende que a formação em geral ainda tem muito por onde sustentar a sua evolução, considerando que face à quantidade de clubes existentes, ainda se trabalha de uma forma demasiado amadora. No entanto, o mesmo autor realça que o facto dos clubes e associações já exigirem a qualificação dos treinadores trouxe alguma qualidade à formação.

Assim, torna-se fundamental identificar os problemas que afetam o Futebol de formação em Portugal e tentar alterar esses pontos sensíveis, de forma a que a formação se desenvolva de acordo com o desejado.

Assim, podemos destacar alguns dos maiores problemas que afetam a formação em Portugal, nos quais se destacam (Pacheco, 2001, p 13):

- *“Reduzidos orçamentos dos clubes destinados ao Futebol de formação.*
- *Indefinição de um modelo de jogo, de treino, de jogadores e de treinador, que são condicionantes de uma intervenção de qualidade na formação.*
- *Inexistência de programas coerentes e específicos de progressão entre os vários escalões de formação.*
- *Indefinição de objetivos intermédios a alcançar em cada escalão etário e de objetivos terminais a atingir no final do processo de formação.*
- *Falta de critérios objetivos para a deteção e seleção de talentos.*
- *Inexistência de centros de formação nos clubes.*
- *Falta de um plano de carreira para jogadores de futebol.*
- *Horários escolares incompatíveis com os horários dos treinos.*
- *Fracas condições materiais e de treino.*

- *Número de campos insuficientes e com pisos inapropriados.*
- *Clubes de Futebol de 1ª Liga, que não possuem um único campo próprio para os seus escalões de formação, mas possuem mais de 200 atletas a treinar e a competir em campos emprestados(...)*
- *Ensino do jogo ministrado na maioria dos casos por treinadores “carolas” que gostam de Futebol, mas que não são os mais habilitados.*
- *Grande dependência do funcionamento desportivo de pessoas “amadoras” sem qualquer preparação específica.*
- *Falta de remuneração da maioria dos treinadores do Futebol Infanto-Juvenil.*
- *Quadros competitivos heterogêneos e desajustados à realidade.*
- *Elevada pressão competitiva sobre os jovens.*
- *Falta de acompanhamento e formação aos pais dos atletas, no sentido de os identificar com o processo.*
- *Demasiada importância atribuída ao resultado desportivo imediato, em detrimento da qualidade de formação desportiva a longo prazo.*
- *Falta de enquadramento médico, social e psicológico adequado, junto dos jovens atletas.”*

Apesar de se identificarem algumas deficiências ao nível do Futebol de formação no nosso país, não basta apenas que se tenha consciência desses mesmos problemas. É fundamental que se trabalhe no sentido de combater estas fragilidades do nosso Futebol jovem.

Assim, seria importante utilizar o exemplo de países com grande historial na formação de futebolistas e que têm obtido bons desempenhos nas competições internacionais de clubes e de seleções. De acordo com Madureira (2013), a Alemanha é um exemplo claro desta situação. Após uma participação desastrosa no Euro-2000 por parte de uma Alemanha envelhecida, houve uma necessidade de apostar na formação. Assim em 2001, a Federação de Futebol Alemã criou um plano que passava por uma aposta forte na formação. O

projeto, a nível nacional tinha como aliados os 36 clubes da 1. Bundesliga e 2. Bundesliga e traçava um novo caminho depois da rápida identificação do retrocesso do Futebol alemão. Deste modo, foram construídas infraestruturas, cerca de 400 centros de promoção de talentos e construídos mais de 1000 campos de Futebol para que a rede nacional de seleção de talentos em acordo com os clubes e com a Federação tivesse sucesso. A isto juntou-se a formação de treinadores devidamente qualificados que só poderiam exercer funções para a Federação se tivessem os requisitos mínimos – curso de treinador da UEFA.

A ligação entre a formação e as equipas principais foi um fator essencial em todo o processo e tem-se verificado uma grande quantidade de jogadores que saem da formação ano após ano. O resultado deste programa pode ser visível no ano que marcou o 10º aniversário deste programa. Dos 525 jogadores inscritos na Bundesliga em 2001, 275 (52,4%) fizeram formação nas academias alemãs. Os clubes do principal campeonato de Futebol alemão contavam, em média, com 15 jogadores formados localmente realidade bem diferente do que acontece atualmente no nosso país.

2.1.2 Futebol de Formação: uma etapa de formação de crianças

Ao longo da sua história, o Futebol foi sofrendo algumas evoluções e alterações que foram determinantes na forma de encarar o jogo, ao nível dos conhecimentos específicos que o suportam e dos processos de ensino e de treino que o promovem (Oliveira, 2004).

Inicialmente, o desenvolvimento do jogo acontecia através de ações individuais dos jogadores, onde não existia qualquer sentido coletivo, dado que o passe para colegas de equipa em posições mais avançadas não era permitido, pois era considerado fora-de-jogo. Assim, a progressão da equipa no terreno de jogo era feita através de jogadas individuais e existia um grande desequilíbrio entre o número de atacantes e de defesas (existiam mais jogadores com responsabilidades ofensivas que defensivas) (Castelo, 1996).

Com a alteração da lei do fora-de-jogo (o jogador encontrava-se em posição irregular se recebesse a bola sem ter pelo menos três adversários entre si e a linha de baliza), o passe começou a ser mais utilizado e o jogo começou a apresentar características diferentes até então (Oliveira, 2004). Assim, o jogo passou a ter mais ações coletivas do ponto de vista ofensivo devido à utilização do passe e como consequência aumentou o número de jogadores com tarefas defensivas e de organização de jogo, ou seja, passou a existir um maior equilíbrio entre o número de atacantes e defesas (Castelo, 1996).

Estas alterações foram induzindo alterações no jogo e deram origem ao primeiro sistema do Futebol, “Sistema Clássico”, que valorizava os 3 sectores da equipa: defesa, meio-campo e ataque e que permitiu um certo equilíbrio entre as ações defensivas e ofensivas. O jogo passou a caracterizar-se pelas capacidades técnicas individuais dos diferentes jogadores nas suas posições específicas, passando a ser mais coletivo em virtude da possibilidade do passe e em detrimento das ações individuais. No entanto, os jogadores permaneciam muito estáticos e apenas cumpriam as funções destinadas às suas funções (Castelo, 1996).

No entanto, a lei do fora-de-jogo voltou a sofrer uma nova alteração. O jogador passou a estar em posição irregular sempre que recebia a bola sem ter pelo menos 2 adversários entre si e a baliza, o que levou a que os sistemas fossem evoluído, tornando-se mais complexos, equilibrados e organizados, levando a que o próprio jogo evoluísse consideravelmente. Assim, o jogo passou a ser mais coletivo e a componente tática, juntamente com a técnica, passou a ser determinante na qualidade do jogo (Oliveira, 2004).

Deste modo, a evolução tático-técnica do jogo de Futebol, caracterizada pela evolução dos sistemas e das ideias de jogo (dimensão tática) e pelo aparecimento de futebolistas com capacidades técnicas que deram respostas à evolução das ideias táticas (dimensão técnica), originou um incremento da dimensão física no Futebol, como forma de dar resposta à dinâmica que esta modalidade desportiva passou a evidenciar (Oliveira, 2004), assim como uma

grande exigência das capacidades cognitivas (concentração, perceção, tomadas de decisão e antecipação) (Andrade, 2010).

Assim sendo, a exigência no jogo de Futebol foi aumentando e para que existam jogadores capazes de atingir os níveis desejados enquanto séniores, torna-se necessária uma aprendizagem e um desenvolvimento de competências adequado ao nível da formação, assumindo-se esta como uma fonte de sustentabilidade financeira e desportiva para os clubes.

Contudo, é fundamental a existência de sensibilidade por parte dos clubes que pretendem retirar rentabilidade da formação para perceber que o Futebol sénior é diferente do Futebol de formação, tal como podemos verificar no quadro seguinte (Pacheco, 2001).

QUADRO 1 – Principais diferenças entre o Futebol Infantil e o Futebol de Adultos
(Adaptado de G. Rusca, 1999, cit. por Pacheco, 2001, p 20).

Futebol Infantil	Futebol dos Adultos
1. Objetivo – Formação do jovem futebolista.	1. Objetivo – Rendimento da equipa (resultado).
2. É uma atividade lúdico desportiva.	2. É um desporto.
3. É para todos.	3. Seletivo, é só para os melhores.
4. Realiza-se através de sessões de ensino.	4. Realiza-se através de sessões de treino.
5. Dirigido na presença de um educador.	5. Dirigido na presença de um treinador.
6. Ensina-se através de formas jogadas, que induzam ao progresso.	6. Ensina-se através de formas analíticas, que induzam ao aumento do rendimento.
7. Estruturas adaptadas à idade dos jovens (bola, balizas, campo, número de jogadores).	7. Estrutura única estandardizada (bolas, balizas, campo, número de jogadores).

Como podemos verificar através da leitura do Quadro 1, existem diferenças que devem ser tidas em conta entre o Futebol infantil e o Futebol de

rendimento. No Futebol infantil o principal objetivo é a formação dos jovens futebolistas, sendo considerada uma atividade lúdica onde todos podem participar, através da realização de sessões de ensino que induzam ao progresso do nível de jogo com as características do jogo adaptadas à idade dos jovens. Por outro lado, no Futebol de rendimento o principal objetivo é o resultado da equipa, onde apenas os melhores podem participar (é um desporto seletivo) através de sessões de treino que induzam o aumento do rendimento numa estrutura única estandardizada.

Na comparação do Futebol de formação com o Futebol de rendimento, é fundamental ter em conta os protagonistas do jogo. No Futebol de rendimento, os futebolistas (que já atingiram a sua idade adulta) têm as suas capacidades motoras e cognitivas desenvolvidas, enquanto no Futebol de formação, os jovens futebolistas ainda estão em fase de desenvolvimento das suas aptidões e, por isso a sua capacidade para jogar é diferente da do adulto. Tal pode ser comprovado através das palavras de Pacheco (2001) que defende que no Futebol de formação, o jovem é o centro de toda a atividade, devendo o jogo ser adaptado às suas características.

Por isso, não podemos encarar o treino de crianças e jovens como o treino de séniores. As crianças têm características particulares que devem ser tomadas em atenção, uma vez que a criança é diferente dos adultos. Claparede (cit. por Weineck, 1986) refere que a criança não é um adulto em miniatura e que a sua mentalidade é diferente da dos adultos quer quantitativamente quer qualitativamente, uma vez que a criança não têm as suas capacidades físicas e psicológicas desenvolvidas.

Na mesma ordem de ideias encontra-se Nogueira (2005) que refere que o treino de crianças e jovens é uma tarefa bastante complexa que exige treinadores bem preparados, não utilizando apenas metodologias de treino que se enquadram com as experiências vividas enquanto jogadores ou plagiar o treino dos séniores.

Marques (1997) refere ainda que no treino e na competição desportiva, os jovens futebolistas tendem a adaptar os conhecimentos e formas de organização do desporto de alto rendimento.

Para evitar estas situações, os clubes devem definir o que pretendem do futebol de formação, através da implementação de formação própria, com programas adequados, que conduzam a uma boa aprendizagem do jogo para ter resultados a longo prazo. No entanto, Marques (1997) refere que para muitos treinadores, dirigentes e pais, o principal objetivo são as vitórias nas competições em que participam, procurando o rendimento imediato que impõe estratégias de treino que induzem resultados a curto prazo, o que compromete os resultados futuros e subverte toda a lógica da formação.

Assim, na formação de crianças e jovens futebolistas é fundamental que os interesses pessoais, materiais ou financeiros que valorizam exclusivamente o rendimento a curto prazo sejam postos de parte, dado que poderão transformar a criança num instrumento de preocupações, que poderão hipotecar as chances de um futuro com sucesso no Futebol. Marques (1985) defende que o treinador da formação deverá estar ciente que grandes resultados desportivos dificilmente se atingem através de um trabalho a curto prazo, uma vez que a preparação dos jogadores é um processo longo e complexo, onde se torna essencial contemplar diferentes etapas de formação, para que sejam atingidos os grandes objetivos do treino e da formação.

O Futebol de formação é distinto do Futebol de alto rendimento, que impõe um trabalho com jogadores diferentes (no que diz respeito às suas características, uma vez que são crianças) e que procuram atingir objetivos distintos. Por isso, é fundamental que os profissionais que ensinam futebol em idades mais jovens tenham formação não só na área do desporto, mas também sobre o desenvolvimento biológico e psicossocial da criança (Cardoso, 2007), para que o jovem futebolista possa evoluir e obter uma boa formação desportiva. Para isso é necessário criar contextos de aprendizagem onde as crianças tenham sucesso, com um nível de dificuldade apropriado às suas características e ao nível do seu jogo.

Assim, Oliveira (2004) refere que o treino constitui o principal meio de transmissão de conhecimentos, existindo a necessidade de o conduzir no sentido de potenciar o melhor possível o aumento dos conhecimentos específicos aos jogadores, dado que o nível de expertise de um futebolista

quando comparado com um iniciante, está dependente da quantidade de horas de exposição à prática da atividade em causa, do esforço e da concentração utilizada e da qualidade do processo de ensino/treino ao qual foi submetido.

*“É necessário adaptar o jogo à criança e não obrigar o jovem futebolista
adaptar-se ao jogo dos adultos”*

Wein (1995, cit. por Pacheco, 2001, p 23)

2.1.2.1 Características das crianças: aspectos importantes para o desenvolvimento das capacidades dos jovens futebolistas

As capacidades físicas e psicológicas da criança não podem ser desenvolvidas sem ter em conta a forma como o organismo dos jovens futebolistas reage a determinados esforços e a adequabilidade dos diferentes tipos de trabalho (Garganta, 1986), uma vez que as mudanças que ocorrem durante o crescimento da criança são complexas e não totalmente entendidas (Stratton, 2004).

A formação desportiva deve, por isso, ser conduzida num processo a longo prazo, de acordo com as leis de desenvolvimento pessoal e da performance atlética, no qual o principal objectivo é a máxima eficiência numa determinada idade (Harre, 1992). Neves (2010) defende que a preparação desportiva a longo prazo tem como objetivo aumentar progressivamente as exigências do treino para obter uma melhoria do rendimento, daí a necessidade de se construírem bases sólidas na preparação das crianças e jovens. No entanto, é essencial perceber que as características descritas para uma determinada idade, nem sempre têm uma correspondência absoluta com a realidade, dado que a idade cronológica (número de anos e dias de vida ocorridos após o nascimento) nem sempre corresponde à idade biológica (maturidade do organismo, do sistema hormonal, do esqueleto) (Pacheco, 2001).

Desta forma, é fundamental que o treinador de futebol de formação possua um bom conhecimento da forma como os jovens desenvolvem as suas capacidades e as suas características, desde crianças até adultos, do ponto de vista do crescimento, da maturação e do desenvolvimento físico e psicológico, de forma a existir um acompanhamento adequado para que os futebolistas atinjam um rendimento elevado (Stratton, 2004).

No que diz respeito ao crescimento, Stratton (2004) faz referência à existência de dois períodos de crescimento rápido, durante a infância e puberdade. O crescimento do cérebro e do sistema nervoso ocorre principalmente nos 7 primeiros anos de vida, abrindo por volta dos 12-13 anos.

Em relação ao peso e à altura dos futebolistas, os valores mantêm-se em conformidade com os dados da população normal até ao final da adolescência. A partir deste período o peso aumenta mais que a altura, existindo um maior desenvolvimento da massa muscular (Stratton, 2004). O mesmo autor refere que os valores do peso e da altura em futebolistas se mantêm estáveis desde a infância até ao final da adolescência, existindo uma maior instabilidade nos valores desde a adolescência até à idade adulta.

Do ponto de vista muscular, não existem grandes diferenças no que diz respeito à distribuição das fibras musculares quando comparamos crianças com adultos. No entanto, o tamanho das fibras musculares está dependente do trabalho realizado pelo músculo durante o crescimento, aumentando com a idade (Stratton, 2004). O mesmo autor defende que os treinadores devem prestar atenção à capacidade de gerar potência, uma vez que esta capacidade é significativamente afetada nas crianças devido ao seu crescimento e desenvolvimento, diferindo também em função do sexo e da idade.

No que diz respeito ao desenvolvimento motor, Meinel (1984) defende que na idade compreendida entre os 10 e os 13 anos, os rapazes têm um comportamento motor caracterizado por uma flexibilidade alta, existindo também uma grande capacidade de aprendizagem, onde as crianças revelam uma grande facilidade na aquisição de novas habilidades motoras, sendo uma ótima idade para o aperfeiçoamento de habilidades motoras mais complicadas,

assim como para a sua aprendizagem. Desta forma, o autor defende que a coordenação deve ser trabalhada nesta faixa etária, onde o treinador deve dar ênfase à coordenação específica ao nível das habilidades motoras (fintas, passe, remate, deslocamentos, mudanças de direção e encandeamento das ações), nunca deixando de lado a coordenação geral.

De acordo com Meinel (1984), nesta faixa etária as crianças possuem outras características como por exemplo flutuação da atenção, dificuldade de orientação espacial, desenvolvimento relativamente rápido da velocidade (fundamentalmente a velocidade de reação) e uma boa capacidade aeróbia.

Tendo em conta estes aspetos, torna-se fundamental que o treinador tenha um bom conhecimento das características e capacidades das crianças, de forma a que possa intervir no treino da forma mais profissional e ajustável possível (Santos, 2010).

Assim, Garganta (1986) defende as seguinte etapas de preparação de um futebolista, tal como podemos verificar no Quadro 2.

QUADRO 2: Etapas de preparação do jogador de Futebol. (Adaptado de A. T. Marques ; Cit. Garganta, 1986. In Horizonte – Revista de Educação Física e Desporto , Vol. III – no 15, dossier.)

Etapas	Referenciais Etários	Objetivos	Direcionamento Metodológico	Capacidades a Desenvolver Predominantemente	Sistemas Energéticos (incidência particular)
Preparação Preliminar	8 – 10 anos	Criação dos pressupostos para a prática desportiva	Formação multilateral, polifacetada; desenvolvimento das capacidades ao nível geral, com predominância do trabalho em volume	Resistência aeróbia, flexibilidade geral e velocidade (reação e deslocamento)	Sistema oxidativo (aeróbio) e Sistema ATP-CP (anaeróbio alático)

Especialização Inicial de Base	10 – 14/15 anos	Desenvolvimento e aperfeiçoamento dos pressupostos para a prática desportiva. Introdução de elementos que condiciona, de forma direta, o rendimento.	Desenvolvimento das capacidades motoras gerais, continuando a prevalecer o factor volume; solicitação dirigida tendo em conta a estrutura do rendimento da modalidade Futebol	Resistência aeróbia, Flexibilidade geral e Velocidade (reação, deslocamento e execução). Força resistente e Força veloz	Sistema oxidativo (aeróbio) e Sistema ATP-CP (anaeróbio aláctico)
Especialização Aprofundada	16 – 18 anos	Aprofundamento e orientação mais específica da preparação	Incidência crescente no treino específico; aumento progressivo do volume, intensidade e complexidade, dirigidos ao desenvolvimento das capacidades respetivas	Resistência de velocidade (resistência específica), Força veloz e Velocidade de execução (específica)	Sistema oxidativo (aeróbio), Sistema ATP-CP (anaeróbio aláctico) e Sistema glicolítico (anaeróbio láctico)
Desempenhos Maximais	18 – 26 anos	Exploração máxima das capacidades: altos desempenhos	Grande incidência em exercícios de preparação especial: muito volume, intensidade e complexidade; preparação mais unilateral visando altos rendimentos	Resistência de velocidade (resistência específica), Força veloz e Velocidade de execução (específica)	Sistema ATP-CP (anaeróbio aláctico).
Manutenção dos Desempenhos	>26 anos	Estabilização dos desempenhos e de um elevado nível de rendimento pelo período de tempo mais alargado	Estabilização do nível de treino; grande incidência no treino específico, embora recorrendo, de uma forma crescente, aos aspetos gerais	Resistência de velocidade (resistência específica), Força veloz, Velocidade de execução (específica) e incidência crescente na Resistência aeróbia	Sistema ATP-CP (anaeróbio aláctico) e Sistema oxidativo (aeróbio)

Dado que o escalão etário em questão corresponde aos escalões de Sub-13 e Sub-15, crianças e jovens com idades compreendidas entre os 11 e os 15 anos, torna-se crucial focarmo-nos na segunda etapa de preparação, a Especialização Inicial de Base.

Tendo em conta o Quadro 2, o jovem futebolista está propenso a desenvolver algumas capacidades como é o caso da Resistência Aeróbia,

Flexibilidade Específica, Velocidade de Reação, Velocidade de Deslocamento, Velocidade de Execução, Força Resistente e Força Veloz.

A corrida contínua, bem como situações de condução de bola, passe, recepção são situações que contribuem para uma melhoria da resistência. Contudo, Reilly (2005) refere que os métodos de treino Específicos no Futebol são eficazes, referindo que os “jogos reduzidos” também são apropriados, nomeadamente no treino de crianças e jovens, pois os futebolistas estão num período que têm facilidade na aprendizagem e aperfeiçoamento de habilidades motoras e ao estarem em permanente contacto com a bola estão a desenvolver a parte técnica. Simultaneamente, estará presente em situações de tomadas de decisão, o que levará o jovem futebolista a ter que tomar decidir e aumentar o seu nível de entendimento do jogo em função do contexto.

Quanto à flexibilidade esta deve ser trabalhada por volta dos 11 anos, altura em que a criança atinge o ponto mais baixo e a partir do qual se dá um aumento desta capacidade até aos 18 anos (Stratton, 2004). O autor defende que é fundamental que haja distinção entre a flexibilidade e o alongamento. A flexibilidade deverá ser potenciada com os jogadores em repouso, enquanto o alongamento deverá ocorrer na parte final do treino, de forma a evitar o encurtamento muscular e a rigidez articular.

Relativamente à Força, existe um aumento desde a infância até à puberdade, seguida de uma aceleração até ao início da idade adulta (Stratton, 2004).

No que diz respeito à velocidade, principalmente à velocidade de reação, Stratton (2004) defende que é importante incidir nas respostas a estímulos visuais, dado a relação que tem com o que o jogo exige, mas sem nunca descurar outros tipos de estímulos como é o caso dos estímulos auditivos, outra forma de comunicação no jogo.

No treino com crianças e jovens é fundamental ter em atenção as janelas de treinabilidade que surgem em diferentes momentos ao longo do processo de maturação (Neves, 2010) de forma a explorar o rendimento máximo de cada capacidade em cada momento de formação desportiva. Todas as capacidades podem ser treinadas de diferentes formas, podendo ser

utilizados diferentes métodos de treino no sentido de solicitar e potenciar as diferentes capacidades (Garganta, 1986). Contudo, as crianças respondem de forma diferente aos estímulos induzidos pelo exercício, sendo que se as janelas de treinabilidade forem devidamente exploradas, o efeito do treino será ótimo (Balyi, 2005).

2.1.2.2 Os quadros competitivos nos escalões de formação

“No futebol infanto-juvenil, a competição constitui uma etapa do processo de ensino/aprendizagem, e não um fim em si mesmo.”

Pacheco (2001, p 106)

Nos últimos anos, tem-se assistido ao início da prática desportiva em idades cada vez mais baixas, o que tem levado a que as crianças comecem a competir desde muito cedo. Desta forma, é crucial perceber se as competições contêm fatores benéficos ou prejudiciais à formação dos jovens futebolistas.

De acordo com Pacheco (2001), a competição em idades mais jovens depende da qualidade da sua prática e da intervenção por parte dos treinadores, dos dirigentes e dos pais que enquadram a criança na atividade desportiva. Por isso, é extremamente importante que se respeite a individualidade biológica, cognitiva e emocional da criança (Fernandes, 2004).

Assim sendo, é fundamental que no futebol de formação as competições estejam ao serviço dos jovens futebolistas, estando adequadas às características das crianças e do seu nível de desenvolvimento (Pacheco, 2001) tornando-se uma ferramenta de auxílio para que os objetivos de formação sejam atingidos. Pacheco (2001) refere ainda que o problema induzido pela competição nos escalões mais jovens são as distorções impostas pelos adultos, através da grande pressão psicológica e tensão, antes, durante e após a competição, onde colocam os resultados desportivos à frente dos objetivos formativos. O mesmo autor refere que a importância atribuída aos resultados é tanta que por vezes são adoptadas formas de ensino/treino

incorretas que se refletem na competição, através da procura de objetivos imediatos, com a interiorização de erros tático-técnicos que posteriormente são difíceis de corrigir.

Por outro lado, a competição é a grande referência para a organização do treino de alto rendimento, onde o fator resultado é o mais importante, no que diz respeito ao treino de crianças e jovens, esta deve ser uma extensão e um complemento ao treino (Marques, 1999), possuindo metodologias e estratégias comuns que auxiliem numa melhor aprendizagem do jogo (Pacheco, 2001), de forma a se atingir os objetivos formativos para os jovens futebolistas. Na mesma ordem de ideias, Pereira (2007) defende que a competição em idades jovens deve ser adequada em função das características dos jovens, no que concerne aos regulamentos, adequando-se as dimensões do jogo à idade e à etapa de aprendizagem em que a criança se encontra.

Portanto, é importante verificar se os quadros competitivos do futebol de formação em Portugal, estão ajustados em função das características dos jovens futebolistas, dado que os sistemas de competição se afiguram um factor de grande importância na formação.

De acordo com Pacheco (2001), nos anos 90 a prática desportiva no futebol português ainda se iniciava com o Futebol de 11, ou seja, o jogo adaptado às características do adulto.

Contudo, a UEFA (União Europeia de Futebol Association) impôs um decreto que tornou o Futebol de 7 como a estrutura obrigatória para os escalões etários de Sub-10 e Sub-12 a partir do ano 2000, com o propósito de adequar o jogo às características dos participantes. Dada a importância em adequar o jogo ao seus praticantes, hoje em dia, em algumas Associações do nosso país já existe competição oficial de Futebol de 5 (dos 6 aos 8 anos de idade) como forma de ter um jogo mais realista.

No trabalho de Pereira (2007), podemos constatar que em algumas Associações a prática desportiva formal se inicia por volta dos 6 anos de idade com a prática do Futebol de 5. A partir dos 8 anos até ao escalão de Sub-13 (Infantis), o Futebol de 7 está implementado em quase todas as Associações

como a estrutura que melhor se adequa aos interesses formativos do jovem em formação. A partir do escalão de Sub-15 (Iniciados), a estrutura adotada por todas as Associações de Futebol do nosso país é o Futebol de 11.

Assim, podemos dizer que ao longo dos anos tem existido uma adaptação em relação às estruturas do Futebol por parte das Associações de Futebol, o que demonstra uma maior preocupação em atender às necessidades individuais das crianças e dos jovens futebolistas. No entanto, Pereira (2007) defende que as Associações de Futebol do país deveriam uniformizar as suas práticas competitivas, no sentido de alcançar uma maior coerência ao nível da formação de jogadores.

Igualmente importante é a adequação dos quadros competitivos, de forma às equipas serem agrupadas por grupos mais homogéneos, onde exista competitividade para todos (Pacheco, 2001), uma vez que é frequente assistirmos a resultados desnivelados nos nossos campos de futebol, onde a competitividade não atende aos objetivos formativos dos jovens.

2.1.2.3 Introdução da variante Futebol 7 – mais do que uma obrigação uma necessidade

Tendo em conta as diferenças físicas e psicológicas entre as crianças e os adultos, foram surgindo dúvidas se a iniciação da prática desportiva através do Futebol de 11 era a mais adequada para uma boa aprendizagem do Futebol nos escalões mais baixos da formação, de forma a se potencializarem as características dos jovens futebolistas em formação, dado que estes se encontravam a praticar um jogo que foi inventado em função que estes se encontravam a praticar um jogo que foi inventado em função das características e necessidades dos adultos.

Graça (1994) que defende que o que se exige à criança e ao jovem futebolista não pode ser uma redução à escala dos processos do jogo dos adultos, referindo que eles não têm as condições essenciais para a compreensão e capacidade de desempenhos das tarefas deste tipo de jogo. O

jogo deve estar adaptado às possibilidades, interesses e necessidades das crianças (Graça, 1994), para que estas possam ter uma boa compreensão do jogo, de forma a aumentar a qualidade de jogo e desenvolver as suas capacidades de uma forma ajustada às suas características.

Wein (1993) foi realizando observações de vários jogos de Futebol de 11, nos escalões de Sub-10 e Sub-12, no sentido de analisar se o futebol de 11 era a forma de jogo mais ajustada para o ensino do Futebol. Nessa mesma análise, verificou-se que durante uma partida de Futebol, era difícil encontrar jogadores que tivessem um maior número de ações com sucesso quando comparado com as ações negativas, ou seja, os jovens futebolistas tinham mais insucesso nas suas ações do que sucesso.

Pacheco (2001) defende que a razão para os jovens cometerem tantos erros durante o jogo é a própria estrutura do jogo, que tem um número elevado de jogadores (22). O mesmo autor refere que o facto de um elevado número de jogadores intervirem simultaneamente em jogo, associado às grandes dimensões do terreno de jogo, torna as situações muito complexas e incompatíveis com o desenvolvimento fisiológico e psicológico das crianças.

Será o Futebol de 11 a melhor forma de jogo para a aprendizagem do Futebol nas etapas de iniciação ao jogo? Será que as crianças estão preparadas fisicamente e psicologicamente para praticarem um jogo feito à medida dos adultos?

Pacheco (2001, p 22) refere que *“No Futebol Infantil, o jovem constitui o centro de toda a atividade, devendo o jogo ser adaptado às suas características...”*

Na mesma ordem de ideias, Garganta e Pinto (1995) defendem que nas fases iniciais da aprendizagem, os jogadores têm a tendência para se aglomerarem no local onde está a bola, dificultando a resolução das situações de jogo. Este problema pode ser minimizado com a redução do número de jogadores e do espaço de jogo, pois quanto maiores forem as dimensões do terreno maior terá que ser a capacidade mental e física para cobrir o espaço de jogo (Garganta, 1995).

Também Garganta e Pinto (1995) defendem que para a existência de evolução do futebolista, deve dar-se ao praticante um jogo relativamente simples e acessível. Ou seja, as regras devem ser simplificadas, o jogo deve ter um número menor de jogadores e um espaço mais reduzido, para que seja possível ter uma melhor percepção das linhas de força (bola, terreno, adversários e colegas), muitos contactos com a bola e de forma diversificada, continuidade das ações e muitas possibilidades de concretização.

Por isso, o futebol com redução das dimensões do terreno de jogo e do número de jogadores deve ser utilizado nas fases de iniciação nas grandes etapas pedagógicas de aprendizagem (Carvalho e Pacheco, 1990).

Desta forma, parece-nos que existem outras estruturas que se adaptam melhor às características das crianças e que permitem uma melhor aprendizagem do jogo, como é o caso do Futebol de 7. Esta forma de jogo apresenta-se como um jogo de introdução ao Futebol de 11, que é mais ajustado às crianças. Paralelamente, também constitui uma maior aproximação às características e regras do jogo formal (Carvalho e Pacheco, 1990).

De acordo com Carvalho e Pacheco (1990) *“o Futebol de 7, apesar de ser jogado em campo de dimensões reduzidas e com redução do número de jogadores, não é um Futebol menor, ele é sim o melhor Futebol que os jovens destas idades podem e devem praticar”*.

“O Futebol de 7, é do ponto de vista pedagógico didático, o tipo de jogo que apresenta um maior potencial de aprendizagem para os jovens do escalão

etário dos 8/12 anos”

Pacheco (2001, p 38)

Em síntese, podemos realizar uma comparação entre as vantagens do futebol de 7 e as desvantagens do Futebol de 11 (Quadro 3) no processo de formação do jovem futebolista.

QUADRO 3: Análise comparativa entre as vantagens do Futebol de 7 e as desvantagens do Futebol de 11 (Pacheco, 2001. *O ensino do Futebol. Futebol de 7 - Um Jogo de Iniciação ao Futebol de 11*, p 37).

Componentes	Futebol 7 - Vantagens	Futebol
Física	Adaptado às capacidades motoras do jovem: - Favorece o desenvolvimento da velocidade. - Favorece a execução de mudanças de flanco, passes longos. - Dimensões de baliza adaptadas à estrutura do guarda-redes.	Desadaptado às capacidades motoras do jovem: - Fraco desenvolvimento da resistência de velocidade para executar longos sprints. - Fraca potência para a execução de passes e remates de longa distância. - Baixa estatura e insuficiente poder de salto do guarda-redes, em relação às grandes dimensões da baliza.
Técnica	- Maior número de contactos com a bola e durante períodos mais alongados de tempo. - Favorece a execução mais correta das habilidades técnicas (passe, receção, remate...).	- Poucos contactos com a bola. - Grandes distâncias a vencer, contribuem para uma insuficiente execução das diferentes habilidades técnicas.

Tática	- Grande alternância de situações defesa/ataque. - Participação de todos os jogadores em situações defensivas e ofensivas. - Polivalência de funções. - Facilita os apoios e as ajudas recíprocas – jogo coletivo. - Permite uma melhor observação do espaço de jogo, em virtude da maior proximidade entre os jogadores, exigindo uma constante concentração mental no jogo. - Grande número de ações junto às balizas. - Menor “espaço de responsabilidade” por jogador (428 m²), melhora as capacidades percetivas, possibilitando a tomada de decisão mais correta.	- Pouca alternância de situações defesa/ataque. - Nem todos os jogadores participam no ataque e na defesa. - Especialização demasiado precoce por “postos”. - Facilita a aglomeração em torno da bola. - O grande número de jogadores, impossibilita que cada jogador tenha uma visão alargada das situações de jogo. - As grandes distâncias entre os companheiros dificultam o jogo coletivo e diminuem a capacidade de atenção no jogo. - Poucas ações junto às balizas. - Maior “espaço de responsabilidade” por jogador (546 m²), exige uma mais elevada capacidade para “cobrir” mental e fisicamente.
Psicologia	Jogo mais motivante por: - Maior número de contactos com a bola e durante mais tempo. - Participação de todos os jogadores nas diversas ações do jogo. Maior facilidade na obtenção de golos. - Caso específico do guarda-redes, mais segurança e confiança nas suas capacidades.	Jogo menos motivante por: - Menor número de vezes em contacto com a bola. - Reduzida participação de alguns jogadores principalmente dos mais pequenos e dos menos habilidosos. - Maior dificuldade na obtenção de golos. Insegurança do guarda-redes, devido às dimensões desajustadas da baliza.

Através da análise do Quadro 3, reparamos que o Futebol de 7 é um jogo que melhor se adequa às características motoras do jovem pois favorece o desenvolvimento da velocidade, a execução de mudanças de flanco e as dimensões da baliza são ajustadas à estrutura do guarda-redes. Por outro lado, o Futebol de 11 é um jogo desadaptado às características dos jovens praticantes.

No que diz respeito à componente técnica, o Futebol de 7 apresenta vantagens sobre o Futebol de 11, dado que permite um maior número de

contatos com a bola e durante períodos de tempo mais alongados, o que favorece uma execução mais correta das habilidades técnicas. No Futebol de 11, as grandes distâncias a vencer contribuem para uma insuficiente execução das diferentes habilidades técnicas.

Em relação aos aspetos táticos, o Futebol de 7 permite uma maior alternância de situações entre defesa/ataque que o Futebol de 11, onde todos os jogadores terão que participar nas ações ofensivas e defensivas da equipa, aumentando a polivalência de funções. Ao invés do Futebol de 11 que provoca muita aglomeração em torno da bola, o Futebol de 7 favorece os apoios e ajudas, contemplando um maior jogo coletivo e, por isso uma maior concentração mental, uma vez que os jogadores têm uma maior proximidade entre si. O Futebol de 7 apresenta um menor espaço de responsabilidade por jogador, o que faz melhorar as capacidades perceptivas e de tomada de decisão.

Em termos psicológicos, o Futebol de 7 é mais motivante que o Futebol de 11, pois permite mais contactos com a bola, uma maior participação dos jogadores nas diversas situações do jogo, assim como uma maior facilidade na obtenção de golos. No caso específico do guarda-redes, o Futebol de 11 causa mais insegurança a este jogador, devido às dimensões desajustadas da baliza.

Desta forma, o Futebol de 7 apresenta-se como uma forma de jogo essencial na formação do jovem futebolista, que está melhor adaptado às características da criança e, por isso permite um maior potencial de aprendizagem nos primeiros anos da prática desportiva do futebol.

2.1.2.3.1 Aumento progressivo dos jogadores em função da idade

No processo inicial de aprendizagem, os jovens futebolistas têm uma grande atração pela bola e, por isso, procuram estar sempre perto da mesma. Se o início da prática desportiva do futebol se der através da prática do futebol de 11, esta situação causa uma grande aglomeração em torno da bola, que irá causar dificuldades aos jovens futebolistas na resolução das situações do jogo que ainda se apresentam num nível de jogo mais baixo. Desta forma, uma

redução do número de jogadores nas fases iniciais de aprendizagem e uma consequente diminuição do espaço do jogo podem ajudar as crianças na resolução dos seus problemas durante um jogo que se quer menos complexo, de forma a responder de uma maneira mais ajustada às características dos jovens futebolistas (Garganta & Pinto, 1995).

A redução do número de jogadores nas fases iniciais de aprendizagem é considerada um critério pedagógico utilizado na procura de uma participação mais ativa da criança no jogo (Borba, Barreto e Barreiros, 2007), de forma a permitir à criança em formação um contacto maior com a bola e com o jogo, aumentando o número de intervenções sobre a bola, assim como as possibilidade de concretização (Garganta e Pinto, 1995), de forma a estimular as suas características e capacidades, para desenvolver o seu nível de jogo para um patamar superior.

Por isso, é fundamental que haja um aumento gradual do número de jogadores, assim como das dimensões do espaço de jogo, à medida que estes vão desenvolvendo as suas capacidades, desde a sua iniciação desportiva até à sua chegada ao Futebol de 11. Desta forma, os jovens futebolistas vão ter o jogo de futebol ajustado às suas características em termos de complexidade, fomentando o gosto pela prática e tornando o seu processo de formação mais estruturado, respeitando uma progressão pedagógica em termos de ensino na procura de um melhoramento a nível de jogo das crianças.

Assim, Pacheco (2001) elaborou uma progressão gradual do número de jogadores a seguir nos escalões de formação de Futebol, desde o início da sua prática desportiva até que atinja o Futebol de 11.

QUADRO 4: Progressão gradual do número de jogadores a incluir nos jogos dos escalões de formação do Futebol. (Adaptado de Pacheco, 2001. *O ensino do Futebol. Futebol de 7 - Um Jogo de Iniciação ao Futebol de 11*, p 90).

Jogo	Escalão Etário	Dimensões do Campo	Dimensões das Balizas
3x3 ¹	6 - 7 anos	20 x 10 m	2 x 1 m
5x5	7 - 8 anos	40 x 20 m	4 x 2 m
7x7	8 - 10/12 anos	60 x 45 m	6 x 2 m
9x9 ²	10 - 12 anos	70 x 60 m	6 x 2 m 2
11x11	12 anos	100 x 60 m	7,32 x 2,44 m

¹ Jogo 3x3 sem guarda-redes

² Apenas para jogadores com um nível de jogo mais evoluído

Contudo, independentemente da forma de jogo utilizada para a prática do futebol (número de jogadores) e do nível de jogo de cada futebolista, é essencial que os princípios de jogo estejam presentes no processo de formação, respeitando o seu conteúdo, a sua dinâmica e estruturação própria, de forma a simplificar a complexidade do processo de formação (Fernandes, 1998) e torna-lo adequado às necessidades da criança.

2.1.2.4 Problema relacionado com a introdução de uma nova variante: a transição do Futebol de 7 para o Futebol de 11

Visto a importância que a formação tem vindo a atingir no futebol moderno, devido à necessidade dos clubes formarem os seus próprios jogadores, há assim uma necessidade veemente dos mesmos prestarem mais atenção à implementação do modelo de formação para os escalões mais jovens, com programas, meios e métodos de treino mais adequados que permitam uma melhor aprendizagem do jogo (Casáis, Domínguez e Lago, 2009). Os mesmos autores defendem que os programas de treino devem respeitar as diferentes fases de desenvolvimento dos jovens, de forma a guiar

os treinadores contribuindo para uma melhor e mais eficaz aprendizagem das crianças e jovens futebolistas em formação.

No entanto, existem tendências entre treinadores, educadores e pais, no que diz respeito à forma de jogo mais adequada para o início da prática desportiva. Se alguns autores (Ruiz, 1998; Pacheco, 2001; Pacheco & Carvalho, 1990) defendem um progresso no número de jogadores no tamanho da bola e no terreno de jogo, assim como um aumento gradual na complexidade do jogo, de forma a que o jogo se adapte à criança e não aconteça o contrário, existem teorias que defendem que a prática do Futebol de 11 é a mais indicada desde idades tenras, justificando a sua utilização com a dificuldade da transição de um jogo com um menor número de jogadores, dimensões e regras de jogo modificadas (Casáis, Domínguez e Lago, 2009).

Assim sendo, a iniciação desportiva no futebol através desta prática e com um menor número de jogadores, dimensões mais reduzidas do terreno, da diferença e do tamanho da bola, das dimensões das balizas, alteração da regra do fora-de-jogo, leva alguns profissionais ligados ao futebol a afirmarem que irão existir maiores dificuldade de adaptação aquando da passagem para o Futebol de 11, mesmo que as características não respeitem o nível de jogo da criança e as suas características psico-evolutivas.

2.1.2.5 Análise às diferenças inerentes às regras (Futebol de 7 vs Futebol de 11)

O futebol, tal como os outros desportos coletivos, é regido por uma estrutura formal ou lógica externa, que diz respeito ao espaço de jogo, à duração, aos adversários, companheiros, mobilidade, objetivos e regulamentos e por uma estrutura funcional que é também denominada de estrutura interna, que é formada pelas relações que se estabelecem entre os componentes de uma equipa, e que será modificado pelas variações que se vão dando na estrutura formal (Casáis, Domínguez e Lago, 2009).

Como tal, as modificações do regulamento que se dão nas diferentes modalidades do futebol (7 e 11) implicarão mudanças na estrutura funcional, devendo e podendo adaptar-se às características evolutivas de uma determinada idade, de forma a poder facilitar o processo de aprendizagem das crianças e jovens futebolistas.

Desta forma, é fundamental fazer uma análise às comparações entre as regras do jogo de Futebol de 7 e de Futebol de 11, uma vez que influenciam toda a estrutura funcional do jogo praticado pelos jovens futebolistas.

2.1.2.5.1 O terreno de jogo

Em relação à regra referente ao terreno do jogo, podemos verificar que todas as medidas do espaço de jogo do Futebol de 7 são diferentes do Futebol de 11.

O comprimento do terreno de jogo varia entre os 45m e 75m no Futebol de 7 e entre os 90m e os 120m no Futebol de 11.

No que diz respeito à largura, no Futebol de 7 esta varia entre os 40m e os 55m, enquanto que no Futebol de 11 varia entre os 45m e os 90m. No entanto, no Futebol de 7, a dimensão da largura deve ser inferior à do comprimento 5m.

Assim, no Futebol de 7 cada jogador tem um rácio de ocupação de espaço de jogo entre 257,1 m² (medidas mínimas) e 589,3 m² (medidas máximas) e no Futebol de 11 cada jogador terá que cobrir uma área compreendida entre 368,2 m² (medidas mínimas) e 981,8 m² (medidas máximas).

Desta forma, podemos reparar que a área que um futebolista ocupa no Futebol de 7 poderá ser superior ao Futebol de 11. Por isso, o campo de Futebol de 7, deveria ter medidas inferiores, como forma de responder às características das crianças e dos jovens futebolistas.

2.1.2.5.2 Dimensões das Balizas

Existem diferenças evidentes entre as balizas, as diferentes variantes do Futebol.

As balizas do Futebol de 7 têm 6m de comprimento por 2m de altura.

No Futebol de 11 as balizas têm 7,32 de comprimento por 2,44m de altura.

Desta forma, existe um maior ajuste das dimensões da baliza à estatura e capacidade do guarda-redes no Futebol de 7, o que aumenta o sucesso das ações do jogador desta posição específica e uma maior motivação por parte do mesmo.

2.1.2.5.3 A bola

Existem diferenças entre a bola utilizada para jogar Futebol de 7 e para o Futebol de 11.

No Futebol de 7, a bola deve ter uma circunferência não superior a 66cm nem inferior a 62 cm, tendo que ter um peso no início do jogo entre 340g e 390g.

No Futebol de 11, a bola deverá ter uma circunferência entre 68 cm e 70 cm. O seu peso no início do jogo deverá estar compreendido entre 410g e 450 g.

Desta forma, a bola utilizada para a prática do Futebol de 7 apresenta um peso e um tamanho mais ajustado às características dos jogadores, visto que estes ainda não têm as suas capacidades completamente desenvolvidas.

2.1.2.5.4 Número de jogadores

No que diz respeito ao número de jogadores, no Futebol de 7 o número de jogadores, é de 7, sendo um deles guarda-redes, podem ser utilizados cinco jogadores suplentes, podendo estes entrar no terreno de jogo a qualquer

momento, junto à linha de meio campo sem interrupção do jogo. Apenas se procede à paragem do jogo na substituição do guarda-redes. Os jogadores substituídos podem continuar a participar no jogo na qualidade de suplentes. Uma equipa com menos de cinco jogadores não pode iniciar ou prosseguir o jogo.

No Futebol de 11, cada equipa deverá ser composta por um máximo de 11 jogadores, um dos quais terá que ser guarda-redes. No caso do escalão analisado neste trabalho, Sub-15, cada equipa pode realizar até 5 substituições. Na primeira parte, o jogo pode ser interrompido as vezes necessárias para a realização de substituições, enquanto na segunda parte apenas se pode parar a partida duas vezes para a realização de substituições. Depois de um jogador ser substituído não pode voltar a entrar para participar no jogo. As substituições terão que ser comunicadas ao árbitro e só se poderão proceder durante uma paragem do jogo, não se pode começar a jogar se uma das equipas tiver menos de sete jogadores.

O facto de no Futebol de 7 o jogo não ter que parar para se realizarem substituições (com exceção do guarda-redes), promove um maior aproveitamento do tempo de jogo, dado que não existem paragens. Também é importante referir que devido às substituições serem ilimitadas e os jogadores poderem entrar e sair o número de vezes que o treinador quer, permite que os jogadores estejam presentes em jogo nos momentos que o treinador entende que este tenha mais sucesso e que possa expressar o seu potencial, algo que não acontece no Futebol de 11, dado que um jogador substituído não pode voltar a entrar.

2.1.2.5.5 Duração do Jogo

O jogo de Futebol compõe-se por duas partes, tanto no Futebol de 7 como no Futebol de 11, são separadas por um intervalo que não deve exceder os 15 minutos. Contudo, a duração de cada uma das partes depende do respetivo escalão etário.

❖ Séniores: 45 minutos + 45 minutos

- ❖ Sub-19 (Juniões): 45 minutos + 45 minutos
- ❖ Sub-17 (Juvenis): 40 minutos + 40 minutos
- ❖ Sub-15 (Iniciados): 35 minutos + 35 minutos
- ❖ Sub-13 (Infantis): 30 minutos + 30 minutos
- ❖ Sub-11 (Benjamins): 25 minutos + 25 minutos
- ❖ Sub-10 (Benjamins): 25 minutos + 25 minutos

Desta forma, podemos reparar que a duração de cada parte é ajustada em função do escalão etário em questão, para que esteja de acordo com as capacidades e características dos jogadores, de forma a promover um desenvolvimento do nível de jogo em função dos praticantes.

2.1.2.5.6 Fora-de-Jogo

No que diz respeito à Lei do fora-de-jogo, importa referir que no escalão de Benjamins (Sub-10 e Sub-11) a mesma não existe. Em relação ao escalão de Infantis na variante de Futebol de 7, o fora-de-jogo apenas é aplicado entre a linha de baliza e o prolongamento da linha da área de grande penalidade paralela à linha de baliza e desde que um jogador atacante esteja mais perto da linha de baliza do que a bola e o penúltimo adversário.

No Futebol de 11, o fora-de-jogo é aplicado a partir da linha do meio campo até à linha de baliza, sempre que um jogador atacante esteja mais perto da linha da baliza do que a bola e o penúltimo adversário.

Assim sendo, o facto da regra do fora-de-jogo ser diferente em função de cada escalão etário, auxilia os jogadores em relação ao desenvolvimento do seu nível de jogo, uma vez que a não aplicação do fora-de-jogo no escalão de Sub-10 e Sub-11 e a aplicação do mesmo apenas a partir da linha da área de grande penalidade em Sub-13 facilitam a progressão no terreno de jogo da equipa que está em fase de ataque. Deste modo, as situações de jogo que se realizam perto das balizas é maior, promovendo um maior número das ações de finalização. A aplicação da regra de fora-de-jogo a partir da linha de meio campo nestes escalões etários, poderia ser um factor que contribuísse para um

menor sucesso das ações dos jogadores, pois retira profundidade ao jogo e causa uma maior aglomeração dos jogadores em torno da bola, o que também poderá ser um entrave para o desenvolvimento do nível de jogo, dado que as capacidades e características destes jovens futebolista não se adequam com a utilização desta regra de acordo com o Futebol de rendimento.

2.1.2.6 Novas posições no Jogo: uma circunstância provocada pela transição

O treino e participação em atividades desportivas de crianças e jovens foram, durante um largo período de tempo, uma réplica ou uma adaptação dos conhecimentos e formas de organização do desporto de alto rendimento (Coutinho, 2009).

Com o avanço do conhecimento científico em torno das características da criança e do Futebol, surgiu a necessidade de adaptar o jogo à criança. Desta forma, foram adoptadas outras formas de jogo, que não o Futebol de 11, como forma de criar condições físicas e mentais para a criança ter sucesso no jogo. Esta adaptação reduz o nível de complexidade do jogo, respondendo em função das características das crianças e fazem com que os objetivos propostos para cada etapa de formação desportiva sejam mais realistas para as verdadeiras capacidades das crianças.

Para isso, é importante uma redução do número de jogadores e do espaço de jogo nas fases iniciais de aprendizagem, tal como defende Pacheco (Quadro 4), de forma a que os protagonistas do jogo (crianças e jovens) sejam capazes de entender o jogo e executar as tarefas desejadas com o devido sucesso.

No entanto, a progressão gradual do número de jogadores nos escalões de formação obriga os jovens praticantes a terem que se adaptar constantemente ao aumento do número de jogadores, o que induz a um aumento da complexidade do jogo, devido ao maior número de relações entre os jogadores e a um maior espaço de jogo a cobrir por cada elemento. O

aumento do número de participantes, obriga a uma reorganização em campo dos jovens futebolistas, sendo criadas novas posições no jogo.

Será que a transição para outras formas de jogo dificulta a formação dos jovens futebolistas, devido à necessidade de uma constante adaptação em função das novas posições no jogo?

De acordo com Bompa (1999), o período de formação dos jovens até atingir um patamar de expertise em qualquer modalidade desportiva é de cerca de 10 anos. O mesmo autor defende que a divisão do treino de crianças e jovens em estádios sistemáticos de desenvolvimento, com objetivos bem definidos, proporcionaram mais possibilidades de produzir atletas saudáveis e de excelência, num processo a longo prazo.

Baker (2003) defende que em alguns casos o elevado nível de performance inicial alcançado por alguns desportistas resulta na especialização precoce numa modalidade desportiva ou numa posição específica, algo que de acordo com Wiersma (2000) parece favorecer o abandono da prática desportiva.

Desta forma, o aumento gradual do número de jogadores, além de respeitar as características das crianças, também evita a especialização precoce. As novas posições no jogo não constituem um entrave à formação das crianças e jovens futebolistas, mas sim uma prática mais diversificada e estruturada o que permite uma melhor perceção e entendimento do jogo. É mais uma ferramenta que contribui para uma boa formação, uma vez que obriga a permanentes ajustes e que através da prática aumentam o nível de entendimento do jogo, assim como a relação das crianças com a bola.

2.2 Modelo de Jogo

“O Modelo de Jogo condiciona um modelo de treino, um modelo de exercícios e, necessariamente, um modelo de jogador. O Modelo de Jogo é um projeto consciente do que é a concepção de jogo do treinador, onde as características individuais dos jogadores são determinadas na definição desse mesmo Modelo de Jogo.”

Faria (1999, p 49)

Modelo de Jogo é uma expressão cada vez mais utilizada no mundo do Futebol, mas também é uma das mais confusas. Tamarit (2007) refere que apesar de muitas pessoas falarem acerca do Modelo de Jogo, poucas têm conhecimento do seu verdadeiro significado, revelando diferentes opiniões acerca deste conceito, confundido com sistema de jogo ou a distribuição inicial dos jogadores em campo.

De acordo com Queiroz (1986) o Modelo de Jogo é um sistema de relações que se criam entre os diferentes elementos de cada equipa, numa certa situação de jogo, definindo as tarefas e comportamentos tático-técnicos exigidos aos jogadores.

Para Garganta (1996) o Modelo de Jogo deve ser entendido como um conjunto de ideias, pontos de referência fundamentais, em função dos quais se vão aferir comportamentos.

Castelo (1996) refere que o Modelo de Jogo permite definir e reproduzir todo o sistema de relações entre as diversas individualidade que constituem cada equipa, permitindo a partir das conclusões retiradas inicialmente, formar novas conclusões, de forma a racionalizá-las e otimizá-las em novas ideias e concepções referentes às situações de jogo. Assim sendo, podemos considerar o Modelo de Jogo como algo dinâmico e inacabado, uma vez que com o tempo se vai construindo, desconstruindo e reconstruindo (Castelo, 1994), nunca chegando a estar terminado, pois existem sempre aspectos para evoluir, de forma a não existir estagnação.

Contudo, para Oliveira (2006 in Silva, 2008) o Modelo de Jogo não termina aqui, dado que é algo muito complexo e não se resume apenas a um conjunto de comportamentos e ideias que o treinador tem que transmitir a determinados jogadores. De acordo com o mesmo autor, o Modelo de Jogo deve ser criado numa dialética entre treinador e jogador de forma a ser criada uma identidade própria e o desenvolvimento máximo do mesmo.

Assim, o Modelo de Jogo é fruto da interação entre a conceção de jogo do treinador, a intervenção ativa dos jogadores e as diferentes estruturas que esse modelo pode assumir, onde a sua manifestação é observada através da organização funcional da equipa (Oliveira, 2004).

Oliveira (2004) refere-se ao Modelo de Jogo como o aspeto orientador de todo o processo de treino, uma vez que todo o processo é gerido, organizado, desenvolvido e criado através dele. Por isso, sem a existência de um Modelo de Jogo, o processo de treino perde sentido e coerência.

Na mesma perspetiva encontra-se Gomes (2006) para quem o Modelo de Jogo atribui um sentido ao desenvolvimento do processo em função de um conjunto de regularidades que se pretendem observar, direcionando o processo para um determinado “jogar”. A partir do Modelo de Jogo *“criam-se um conjunto de referências que definem a organização da equipa e jogadores nos vários momentos do jogo. Deste modo, o modelo orienta o processo para um jogar concreto através dos princípios coletivos e individuais em função do que é pretendido. Neste sentido, trata-se de desenvolver um jogar Específico e não um jogar qualquer”* (Gomes, 2006, p 28).

No entanto, Campos (2008) defende que a existência de um Modelo de Jogo por si só não é suficiente para que os comportamentos sejam condicionados nesse sentido, uma vez que é necessário treiná-lo de forma a enraíza-lo no imaginário dos jogadores e da equipa, e torná-lo presente em cada jogador, primeiro de forma consciente e depois subconsciente. Assim, o planeamento e a periodização do treino assume um papel extremamente importante, para que o Modelo de Jogo influencie ao máximo o jogar da equipa.

Desta forma, as escolhas de cada futebolista vão estar ligadas ao Modelo de Jogo. Tal pode ser comprovado através das palavras de Gomes (2006) que defende que o Modelo de Jogo condiciona as escolhas dos jogadores para um padrão de possibilidades, orientando as suas tomadas de decisão (Gomes, 2006).

Contudo, o Modelo de Jogo não deve ser redutor e criar mecanismos que retirem imprevisibilidade ao jogo. O Modelo de Jogo como uma realidade aberta e criativa deverá possuir uma capacidade de adaptação à imprevisibilidade do fenómeno “jogar” (Castelo, 1996).

O Modelo de Jogo é, no fundo, um conjunto complexo de referências individuais e coletivas, segundo as quais os jogadores agem, no sentido de jogarem em equipa, ou seja, fazer aparecer um padrão de regular de coordenação coletiva. O Modelo de Jogo que, por ser dinâmico, está em permanente evolução, é o produto da ideia do treinador, da interação entre os jogadores, da oposição, da cultura do clube, ou seja, é o resultado prático de um conjunto de fatores previamente tidos em conta e concebidos na elaboração do Modelo de Jogo e deve estar sempre presente em todos os momentos do jogo e de treino.

“O mais importante numa equipa é ter um determinado modelo, determinados princípios, conhecê-los bem, interpretá-los bem, independentemente de ser utilizado este ou aquele jogador. No fundo é aquilo a que chamo organização de jogo.”

Mourinho (2002, cit. por Amieiro, Barreto, Oliveira & Resende, 2006, p 37)

2.2.1 Modelo de Jogo, o Património de um Clube

“Na minha perspectiva, e cada vez mais, é fundamental que os clubes possuam um modelo de jogo e um modelo de treino perfeitamente definidos. Eu tenho essa preocupação. E percebe-se que uma coisa são princípios e

outra coisa é o sistema. As camadas jovens podem utilizar outros sistemas. O que entendo é que deve haver uma cultura tática de clube.”

Mourinho (2006 in Amieiro, Barreto, Oliveira & Resende, 2006, p 186)

Através da bibliografia, podemos verificar que o principal objetivo dos clubes para os seus escalões de formação é formar jogadores que sejam capazes de fazer parte da equipa principal e que se venham a tornar em mais-valias financeiras e desportivas para o clube. Dessa forma, é fundamental a criação de um Modelo de Jogo para o clube, para que os jogadores sejam formados para jogar de uma determinada forma. Assim, Chaves (2007) defende que os clubes devem possuir Modelos de Jogo próprios do clube, para se “formar um jogador específico para uma forma de jogar específica”, para que o processo de formação seja o mais sério e coerente possível (Pinto e Garganta, 1996).

O facto de um clube possuir um Modelo de Jogo que sirva como orientação ao clube poderá trazer grandes vantagens. De acordo com Leal e Quinta (2001), a existência de um modelo de jogo irá permitir ao jovem futebolista em formação estar adaptado a jogar dessa forma e assim desenvolver as suas características em função duma forma específica de jogar, que deve ter como referencial o Modelo de Jogo da equipa principal, para que os jogadores formados tenham mais possibilidade de sucesso.

É fundamental que o Modelo de Jogo dos escalões de formação corresponda ao da equipa principal, caso contrário existe o risco dos jogadores estarem a ser formados com características diferentes daquelas que são exigidas para a equipa sénior, criando mais dificuldades de integração (Leal & Quinta, 2001).

No entanto, a realidade do Futebol no nosso país devido à instabilidade das equipas principais e à mudança constante dos treinadores, dificulta a existência de um Modelo de Jogo comum. Por isso, é fundamental que a escolha do treinador principal seja feita de acordo com a filosofia do clube, de

forma a existir sempre uma aproximação entre os escalões de formação e a equipa sénior (Chaves, 2007).

Nos clubes em que não existe possibilidade de criar um Modelo de Jogo Comum a todas as equipas, é fundamental que se crie um Modelo de Jogo único para os escalões de formação que sirva de referência, desde os escalões mais baixos do clube até aos juniores (Chaves, 2007), dado que facilita a transição das crianças e jovens futebolistas, pois não existe a necessidade constante de uma adaptação a um novo Modelo de Jogo.

É também importante que haja uma familiarização entre o departamento de formação e a equipa sénior, de forma a estarem a trabalhar no processo de formação de forma coerente o que aumenta as possibilidades dos jogadores dos escalões de formação chegarem à equipa sénior. Desta forma, recorremos às palavras de Mourinho (2006 in Amieiro, Barreto, Oliveira & Resende, 2006, p 185) que nos diz: *“Quando cheguei ao FC Porto, uma das minhas primeiras preocupações foi ter reuniões com os responsáveis pelo futebol jovem, para que ficassem a conhecer em profundidade aquilo que era o meu modelo de jogo e o meu modelo de treino. Aliás, no FC Porto existia uma pessoa que fazia exclusivamente a ponte em termos metodológicos entre a equipa principal e os escalões de formação.”*

Assim sendo, consideramos que os clubes devem, se possível, possuir um Modelo de Jogo único (departamento de formação e equipa sénior) ou um Modelo de Jogo Comum aos escalões de formação, como forma de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais coerente e sustentado. O Modelo de Jogo deve ser visto por cada clube, não só como uma ferramenta de trabalho mas como o seu próprio património.

2.2.1.1 Ideia de jogo, o princípio de um processo que se desenvolve segundo a prática

O caminho para a concepção de um Modelo de jogo deve ter como base a ideia de jogo do treinador em questão, devendo ser elaborado a partir daquilo que o treinador tem em mente para a sua equipa e da qualidade e características dos seus jogadores (Campos, 2008).

Assim sendo, a forma como se quer jogar (produto final), é definida pela ideia de jogo do treinador, que se desenvolve ao longo de todo o processo, sendo que a ideia de jogo deve ser entendida como uma conjectura que configura as interações individuais e coletivas da equipa (Gomes, 2006).

De acordo com Oliveira (2004, p 30), é fundamental que “o treinador saiba muito bem aquilo que pretende da equipa e do jogo, que tenha ideias muito concretas relativamente às invariantes/padrões que pretende que a sua equipa e os respetivos jogadores manifestem”, para que os jogadores tenham comportamentos ajustados ao que o treinador pretende.

Assim, a ideia de jogo que se pretende implementar é com o objetivo de chegar a uma determinada forma de jogar, constitui, por isso o início de um processo, que se desenvolve de acordo com a prática, através da repetição sistemática dos exercícios no sentido de atingir o resultado final, entenda-se o Modelo de Jogo, deve estar constantemente em análise para que haja melhoramento e evolução do mesmo, e como consequência atingir-se-á o “jogar” que se pretende.

Oliveira (2006 in Gomes, 2006, Anexo I) refere que é o Modelo de Jogo que orienta tudo o que faz e o que pede para os seus jogadores fazerem, existindo a necessidade permanente do modelo estar sempre presente em todos os momentos do jogo e do treino para que as coisas sigam na direção que pretende, ou seja, para que o treino e a prática direcionem o processo para o produto final.

Contudo, o Modelo não diz respeito apenas ao plano conceptual e metodológico do jogo, uma vez que também engloba o lado prático, dado que o jogo se encontra em permanente construção (Gomes, 2006). Oliveira (2006 in

Gomes, 2006, Anexo I) concorda com esta opinião, dizendo que *“tão importante como o lado das ideias do treinador para o jogar é o lado prático do processo, da forma como os jogadores compreendem o projeto colectivo da equipa e o desenvolvem.”*

Por isso, podemos dizer que um determinado jogar tem como início a ideia de jogo do treinador, que se vai construindo e desenvolvendo através da prática, através de um Modelo de Jogo que é o orientador de todo o processo.

2.2.1.2 Princípios de Jogo: um meio de promover um determinado “jogar”

“A equipa que eu desejo é aquela em que, num determinado momento perante uma determinada situação, todos os jogadores pensam em função da mesma coisa ao mesmo tempo. Isso é que é jogar como equipa. Isso é que é ter organização em jogo.”

Mourinho (2006 in Amieiro, Barreto, Oliveira & Resende, 2006, p 121)

A evolução e desenvolvimento do Modelo de Jogo de uma equipa estão relacionados com o desenvolvimento da qualidade dos praticantes, através da aprendizagem evolutiva dos princípios de jogo que devem ocorrer (Frade, 2004 cit. por Ferraz, 2005).

Desta forma, importa aferir o que são os princípios de jogo e a importância que estes apresentam para o Modelo de Jogo de cada equipa.

De acordo com Oliveira (2006 in Gomes, 2006, Anexo I) *“o princípio de jogo é o início de um comportamento que um treinador quer que a equipa assuma em termos coletivos e os jogadores em termos individuais”*, ou seja, os princípios de jogo são referências do treinador a fim de dar resposta aos problemas induzidos pelo jogo, que se expressam nas ações dos jogadores, através da potenciação de determinados comportamentos dos jogadores em termos individuais e coletivos.

Desta forma, é fundamental que em função dos comportamentos que o treinador pretende ver adquiridos por parte da sua equipa crie exercícios que

potenciem o seu aparecimento, ou seja, utilize exercícios que promovam uma dinâmica de jogo em função do Modelo de Jogo. Por exemplo, se pretendo que a minha equipa procure jogar um futebol apoiado e sustentado através de uma posse de bola curta devo promover uma determinada dinâmica para o meu jogar. Contudo, se pretendo que a minha equipa em dois/três passes chegue a uma zona de finalização, deve ser promovida outra dinâmica que contemple isso, através de princípios de jogo diferentes. Nesta linha de pensamento encontra-se Gomes (2006) referindo que os princípios de jogo de cada equipa são diferentes, na medida que cada treinador promove de modo distinto a forma como resolve os seus problemas.

Deste modo, o treinador procura o desenvolvimento de determinadas regularidades comportamentais dos futebolistas, através da determinação dos princípios de jogo (Frade, 1998). Assim sendo, existe uma procura pela ordem no desenvolvimento do jogo, procurando alguma previsibilidade dentro de um jogo em que se pretendem nuances imprevisíveis. De acordo com Oliveira (2006 in Gomes, 2006, Anexo I) os princípios de jogo procuram que o comportamento de cada jogador da equipa, se situe dentro de um determinado padrão de jogo, dentro de uma organização pré-definida. Gomes (2006) completa esta ideia referindo que os princípios de jogo promovem que os comportamentos dos jogadores durante o jogo, assim como um determinado universo de possibilidades, que faz com que a equipa adquira uma identidade própria.

Os princípios de jogo são, por isso, os elementos que conduzem os jogadores a determinados comportamentos individuais e coletivos que vão definir a forma de jogar Específica de uma determinada equipa, ou seja, o Modelo de Jogo. Por isso, é fundamental que exista uma hierarquização dos princípios de jogo, dado que os mesmos não têm a mesma importância. Assim, se alterarmos a ordem dos princípios o “jogar” será completamente diferente. Por isso, tal como refere Oliveira (2006 in Gomes, 2006, Anexo I) para a construção de um determinado “jogar” é fundamental que sejam sobrevalorizados alguns princípios em detrimento de outros, em função do que se pretende.

Assim sendo, a sobrevalorização de uns princípios perante os outros, constitui uma hierarquização que vai resultar num determinado “jogar”.

2.2.1.3 Repetição Sistemática dos Princípios: uma forma de facilitar a adaptação dos jogadores em formação

A repetição sistemática dos princípios de jogo é fundamental na criação e desenvolvimento de um Modelo de Jogo, uma vez que confere um conjunto de regularidade que facilita os comportamentos dos jogadores em termos individuais e coletivos. No entanto, estas repetições devem ser intencionais e ter como base algo que as sustente. Assim, Bordieu (1998, cit. por Carvalhal, 2001) refere que toda a aprendizagem que está implícita aos exercícios específicos não está apenas baseada na repetição, mas sim na intencionalidade da repetição.

Sabendo que cada indivíduo é influenciado pelo meio cultural e social, sem esquecer que é biologicamente diferente de todos os outros, é normal que num grupo, cada elemento pense de forma diferente perante determinados contextos e momentos do jogo (Carvalhal, 2001). Segundo o mesmo autor, é fundamental que o treinador seja capaz de levar esta desordem a um consenso de ideias, através da criação de exercícios que sejam direcionados para os princípios de jogo da equipa, de forma a que todos os jogadores tenham o mesmo pensamento perante uma determinada situação de jogo.

Contudo, para que a repetição sistemática dos princípios contribua para uma assimilação dos mesmos e para um pensamento comum por parte de todos os elementos da equipa é fundamental que exista um grande conhecimento entre o jogador, a equipa e o Modelo de Jogo. Deste modo, Faria (2002) refere que, para existirem pensamentos comuns numa determinada situação de jogo é essencial salientar regras, princípios, pontos de ligação. De acordo com o mesmo autor, este aspeto é importante para que o jogador seja capaz de interiorizar a ideia, repeti-la até que posteriormente tudo surja de forma inconsciente. O mesmo autor defende ainda que o saber fazer é

adquirido na ação, que deve ser orientada para um determinado objetivo que é o Modelo de Jogo.

Tendo em conta todos estes aspetos, a incorporação dos comportamentos individuais e coletivos que se pretende para uma determinada forma de jogar, deve ser baseado na repetição sistemática dos princípios de jogo, princípios estes que são elaborados com base no Modelo de Jogo. Deste modo, Campos (2008) refere que durante a operacionalização do treino é importante repetir sistematicamente os princípios que pretendemos ver implementados na equipa, obedecendo a um conjunto de regras para que os seus efeitos sejam os desejados. O autor defende ainda que a repetição não é abstrata, uma vez que possui um fio condutor – Modelo de Jogo – que levará à manifestação do padrão idealizado.

Desta forma, se o processo de treino for orientado de acordo com o Modelo de Jogo comum, através da repetição sistemática dos princípios de jogo, poderá ser um facilitador para a adaptação dos jovens que sobem para outro escalão etário, que mudam de treinadores ou que transitam para outra estrutura funcional de jogo, pois vão-se criando hábitos e pensamentos comuns na forma de jogar.

Porém, é fundamental que não se confunda a repetição sistemática dos princípios com a repetição sistemática dos exercícios. A repetição sistemática dos mesmos exercícios pode ser fundamental para a aquisição de determinados hábitos, contudo com os mesmos exercícios podemos treinar diferentes aspetos do nosso jogar, dependendo do direcionamento que é dado ao mesmo. E tal como refere Oliveira (2004) o fundamental é treinar os princípios de jogo do nosso Modelo para os adquirir e não os exercícios.

2.2.1.4 Exercício, um meio para a Especificidade

Para se atingir um determinado jogar, é muito importante que o treinador possua uma ideia de jogo e a trabalhe de forma a conseguir passar do plano conceptual e ideológico para o plano prático, que diz respeito ao Modelo de

Jogo. Deste modo, para se atingir essa determinada forma de jogar é necessário correr à operacionalização através de exercícios específicos.

Neste sentido, a adoção de exercícios de outros treinadores que têm o seu próprio modelo para a nossa própria equipa não nos parece que seja a melhor solução para criar e desenvolver o nosso Modelo de Jogo que se quer Específico para a nossa equipa, uma vez que nasce na relação da ideia do treinador e dos jogadores que tem em mão.

Desta forma, Oliveira (2006 in Gomes, 2006) especifica a ideia de que para desenvolver a articulação dos princípios, sub-princípios e sub-princípios de sub-princípios cria exercícios onde os jogadores e a equipa adquirem determinados comportamentos que pretende, pois direciona as escolhas dos jogadores para criar o jogo que pretende.

Assim sendo, Gomes (2006) defende em função de um determinado objetivo, o exercício é o contexto que privilegia os acontecimentos pretendidos pelo treinador, este deve então criar contextos de aprendizagem em que os comportamentos que deseja ver, aconteçam com regularidade.

Contudo, não basta que o treinador diga o que pretende. É essencial que a situação seja adequada ao que o treinador diz e que aconteça com regularidade o que se pretende. Por exemplo, se o treinador pretende uma posse de bola apoiada com progressão no terreno com predominância do passe curto, tem que criar contextos de exercitação para que esta situação aconteça. Se o treinador transmitir aos jogadores esta ideia e criar um exercício onde o espaço de jogo e o número de jogadores na oposição permita uma chegada a zonas de finalização em 2/3 passes com frequência, não vai estar a confrontar os jogadores com os comportamentos que pretende e por isso o exercício não irá ser Específico na medida em que não obedece aos princípios que tem definidos para o Modelo de Jogo.

Deste modo, o exercício é a ferramenta de trabalho que confere Especificidade ao Modelo de Jogo na medida em os contextos de exercitação criados pelo treinador, promovem os comportamentos que este pretende ver incorporados na sua equipa, atendendo aos princípios que pretende ver sobrevalorizados de acordo com a hierarquização dos mesmos. Os exercícios

devem, por isso, direcionar as escolhas/comportamentos dos jogadores de acordo com os princípios, no entanto, sem empobrecer o jogo da equipa através da obrigatoriedade de cumprir qualquer regra.

2.2.1.4.1 Um jogo dependente das tomadas de decisão de cada singularidade

O Futebol é um jogo pertencente ao jogos desportivos coletivos, que opõe duas equipas com o principal objetivo de introduzir a bola na baliza adversária – marcar golo. Contudo, o jogo de Futebol é um acontecimento muito complexo, quer pela dinâmica coletiva que se procura criar, quer pela relação de oposição que tenta anular as possibilidades de sucesso. No entanto, o jogo desenvolve-se através da atualização das escolhas dos jogadores, estando dependente da tomada de decisão de cada elemento de cada equipa.

Nesse sentido, face à incerteza presente em todas as situações e momentos do jogo torna-se essencial que se assimilem os princípios de jogo para jogar de uma determinada forma, onde os jogadores tenham comportamentos adequados em função de si mesmos, da equipa e do modelo de jogo, de forma a manterem uma certa previsibilidade no seio da equipa dentro de um jogo cheio de imprevisibilidade.

Mourinho (2003, cit. por Campos, 2008, p 59) refere *“os princípios de jogo estão perfeitamente definidos e todos os jogadores sabem como reagir em simultâneo”*. Assim, podemos remeter a decisão individual de cada elemento da equipa em função de comportamentos que se querem iminentemente coletivos, ou seja, os jogadores devem respeitar algo hierarquicamente superior que foi perspectivado em termos coletivos.

Deste modo, a concretização e desenvolvimento do Modelo de Jogo, está dependente das tomadas de decisão e escolhas dos jogadores que têm um valor e sentido em função dos princípios presentes no Modelo de Jogo independentemente das características de cada jogador, tal como podemos

reparar nas palavras de Campos (2008, p 60) que nos diz: *“As características de cada um devem convergir para um objetivo comum daí que a coordenação entre todos seja imprescindível para levar a cabo o Modelo de Jogo”*.

No entanto, a singularidade de cada “jogar” está dependente das características e capacidade de tomada de decisão de cada jogador, sendo também importante que a equipa se adapte à liberdade individual, a fim de ser mais um fator de enriquecimento para o Modelo de Jogo e não um fator inibitório. Sabendo que existe uma grande procura pela ordem e regularidade dos comportamentos a nível coletivo, não podemos deixar que a imprevisibilidade/desordem oferecida por cada elemento da equipa seja desaproveitada, pois essa desorganização dentro da organização coletiva é que vai tornar o nosso Modelo de Jogo mais rico, devido à incerteza causada no adversário nas diversas situações de jogo. Contudo, para que a desorganização individual enriqueça o “jogar” de uma equipa, *“tem que haver 100% de ordem para poder haver desordem”* (Mourinho, 2003 cit. por Campos 2008, p 63), ou seja, os jogadores têm que entender e respeitar as decisões dos colegas de equipa e ter comportamentos adequados em função dessas decisões.

“Um modelo não se pode reduzir a um esquema organizado, por maior que seja a sua qualidade. Necessitamos construí-lo e lê-lo na sua potencialidade organizadora: tem de ser organizante(...)”
(Moigne, 1999 cit. Faria, 1999 p 42)

2.2.2 Modelo de Jogo das equipas analisadas: algumas nuances a ter em conta

2.2.2.1 A Posse de Bola

O jogo de Futebol possui dois processos completamente diferenciados, que são caracterizados pelo facto da equipa estar, ou não, em posse da bola: o processo ofensivo e processo defensivo.

A equipa detentora da posse de bola e que se encontra na fase ofensiva, procura realizar um conjunto de ações tático-técnicas individuais e coletivas que permitam a manutenção da posse de bola e a criação de ações de finalização. Por outro lado, a equipa que não detém a posse da bola e que está, por isso em situação defensiva, procura impedir situações de finalização e a recuperar a bola para que possa iniciar a fase ofensiva (Joaquim, 2009). Assim, independentemente da função e posição ocupada por qualquer jogador, este será sempre um defesa ou um atacante, dependendo se a sua equipa possui, ou não, a posse de bola.

Deste modo, Castelo (1994) refere que em função de uma equipa estar, ou não, em posse da bola, são objetivados conceitos, atitudes e comportamentos tático-técnicos distintos, devido aos diferentes objetivos da fase ofensiva e defensiva.

Garganta (1997) refere que o processo ofensivo consiste no desenvolvimento da fase de ataque, onde podemos considerar todas as ações que ocorrem após a recuperação da posse de bola, a sua manutenção e, que termina com a perda da mesma.

Castelo (1994) estabeleceu dois critérios para a identificação do processo ofensivo no Futebol: 1) uma equipa está em processo ofensivo quando se encontra com a posse de bola; 2) uma equipa está em posse de bola quando o jogador dessa equipa detém a bola perfeitamente dominada em termos tático-técnicos.

E será que a posse de bola se assume como fundamental no Futebol moderno?

O processo ofensivo que é caracterizado pelas ações efetuadas pelos jogadores pertencentes à equipa em posse de bola no sentido de manter a posse de bola, progredir no terreno de jogo e criar situações de finalização, é a única fase que permite à equipa a obtenção do objetivo primordial do jogo, o golo (Joaquim, 2009). Logo, uma equipa que esteja com a bola em seu poder o máximo de tempo possível, aumenta as suas probabilidades de criar situações de finalização e consequentemente de marcar golo. Por outro lado, também retira a bola ao adversário, podendo manter a bola longe da baliza e evitar situações de finalização para o adversário.

Assim, as equipas com maior percentagem de posse de bola, têm maior probabilidade de marcar golo e de vencer os jogos, mostrando que a posse de bola é um indicador de rendimento e sucesso desportivo das equipas, apesar de nem sempre a equipa com mais posse de bola ser vencedora. Por isso, é fundamental que a equipa consiga manter a posse de bola, dado que apenas dessa forma conseguirá criar condições para alcançar o golo e evitar que o adversário o faça (Castelo, 1994).

Na perspetiva de Pinheiro (2001) a posse da bola representa um passo indispensável para uma determinada equipa que se encontre em processo ofensivo, sendo importante no plano tático, uma vez que quando bem realizada, poderá ser utilizada pela equipa para atrair os seus adversários para zonas do campo que lhes permita criar espaços noutros setores, de forma a explorar esses espaços e a tentar efetuar o ataque à baliza adversária.

Na mesma ordem de ideias, Garganta e Pinto (1989) destacam a grande importância dada ao controlo da posse de bola no futebol moderno, a capacidade de impor o seu jogo, provocar e aproveitar os erros do adversário, provocar mudanças bruscas do ritmo de jogo, como características associadas a um modelo de jogo evoluído.

De acordo com Barreto (2003) através da posse de bola, a equipa que detém a bola obriga o seu adversário a estar concentrado e a enervar-se, provocando na outra equipa um grande desgaste físico e emocional. Assim sendo, para além de causar desgaste no adversário, a equipa que tem a posse de bola pode aproveitar para descansar, gerindo o ritmo de jogo em função do

desenrolar do mesmo, estando os seus jogadores mais motivados por estarem em fase ofensiva e por isso na procura do objetivo principal do jogo.

Teodorescu (1984) refere que a manutenção da posse de bola permite que uma equipa evite perder a bola de forma irracional, ação que pode colocar em causa todo o esforço individual e coletivo dos jogadores da equipa com posse de bola.

Desta forma podemos dizer que a posse de bola é como um meio que permite atingir um fim, que deve ser considerada um aspeto essencial do jogo, devido a permitir que a equipa chegue ao golo e que o adversário não consiga marcar golo.

Os jogos da amostra pertencem a equipas em que o seu Modelo de Jogo procura a iniciativa do jogo através de uma posse de bola segura de forma a evitar o golo adversário, através de uma circulação de bola que permita gerir o ritmo de jogo, criando e aproveitando espaços para a criação de situações de finalização.

2.2.2.1.1 O passe como meio fundamental para a posse de bola

Tendo em conta que a posse de bola é um meio imprescindível para atingir o principal objetivo do jogo, é necessário referir que a interação entre os vários elementos é fundamental para que a equipa consiga manter a posse de bola e conseguir situações que permita à equipa chegar ao golo. Desta forma, o passe constitui um elemento imprescindível para que os jogadores de uma equipa consigam, de modo estruturado e organizado, resolver os problemas que vão surgindo durante o decorrer do jogo, para atingir os seus objetivos.

O passe é o elemento que confere uma unidade e identidade coletiva às equipas, constituindo-se como um elemento privilegiado para contrariar a oposição defensiva do adversário (Garganta, 1997) e representa a ação mais utilizada durante o decorrer do jogo com cerca de 80% das ações efetuadas pelos jogadores (Castelo, 2003).

Desta forma, o passe é uma ação que procura levar o centro do jogo rapidamente em direção à baliza adversária, sendo o gesto técnico que mais depressa e melhor faz avançar a bola na direção pretendida. De acordo com Garganta (1997) o passe representa a forma de transmissão da bola entre os elementos da mesma equipa na fase ofensiva, sendo um meio que une as intenções dos jogadores e determina o ritmo do jogo.

De acordo com Hughes et al. (1988) o passe é um fator extremamente importante para o rendimento de uma equipa, uma vez que as equipas bem sucedidas gerem melhor a posse de bola do ponto de vista estratégico, recorrendo ao passe enquanto as outras equipas correm mais com a bola e utilizam mais o drible.

Assim sendo, o passe constitui um elemento fundamental para a manutenção da posse de bola, sendo mais fácil para as equipas que têm jogadores com uma boa qualidade de passe em ter mais posse de bola, aumentando o controlo do jogo perante o adversário e as probabilidades de ganhar, através da criação de situações de finalização e de uma boa gestão da posse de bola.

2.2.2.2 Métodos/Estilos de Jogo Ofensivo

Métodos ou Estilos de Jogo Ofensivos são a forma geral de organização das ações dos jogadores na fase ofensiva, com o objetivo de concretizar um conjunto de princípios inseridos no modelo de jogo da equipa, que servem para garantir a racionalização do processo ofensivo, desde a recuperação da bola até à progressão / finalização e/ou à manutenção da posse de bola (Castelo 1994, 1996; Garganta, 1997; Barreira, 2006).

Representam a forma geral das ações de jogo, exprime-se através do modo como os jogadores/equipa: ocupam o terreno de jogo e se movimentam dentro do mesmo; gerem o tempo de jogo, impondo o ritmo ou adaptando-se ao adversário; coordenam as tarefas nas ações individuais, de grupo e coletivas.

De acordo com Castelo (2004), os métodos de jogo ofensivo visam uma coordenação eficaz das ações dos jogadores, na procura da criação de condições mais favoráveis para a concretização dos objetivos da equipa em situação ofensiva.

Desta forma, existem três métodos de jogo ofensivo na literatura, como podemos verificar no Quadro 5:

- Contra-Ataque.
- Ataque Rápido.
- Ataque Posicional.

QUADRO 5: Resumo das características de cada método de jogo ofensivo (Adaptado de Morgado, 1999:26, cit. por Barreira, 2006, p 71).

Métodos Macro-Estruturas	Ataque de Curta Duração		Ataque de Longa Duração
	Contra-Ataque	Ataque Rápido	Ataque Posicional
Tempo	1. Velocidade elevada de deslocamento dos jogadores. 2. Velocidade elevada da transmissão da bola. 3. Pouco tempo de ataque.	1. Grande velocidade de transmissão da bola. 2. Passagem rápida ao terreno de jogo da equipa adversária. 3. Pouco tempo de ataque. 4. Tempo de realização do ataque não ultrapassa, em regra os 18 segundos.	1. Criação constante de linhas de condições mais favoráveis, de tempo, de espaço e número, para uma simples, eficaz e segura resposta táctica, em função dos constrangimentos do jogo. 2. Tempo elevado de realização do ataque (superior a 18 segundos).
Espaço	4. PASSES longos, preferencialmente em profundidade. 5. Realizado a partir do meio-campo defensivo	5. Equipa adversária equilibrada defensivamente. 6. Circulação de bola realizada em profundidade (preferencialment e) e em largura. 7. Bola conquistada no meio campo defensivo ou ofensivo.	3. Bola conquistada no meio campo defensivo ou ofensivo. 4. A circulação da bola é realizada mais em largura que em profundidade. 5. Organização que evidencie um bloco homogéneo e compacto. 6. Procura permanente de uma ocupação racional do espaço de jogo.
Tarefa	6. Grande velocidade do deslocamentos dos jogadores. 7. Baixa organização defensiva adversária. 8. Desmarcações de ruptura. 9. Número reduzido de passes. 10. PASSES longos em profundidade. 11. Poucos jogadores a intervirem na bola e no	8. 7 é o número máximo de passes realizados. 9. Desmarcação de ruptura. 10. Elevada velocidade de circulação dos jogadores. 11. Equipa adversária eficientemente organizada no seu método defensivo.	7. Adversário apresenta-se defensivamente equilibrado. 8. Ações de cobertura ofensiva, sobretudo pelos jogadores que intervêm diretamente sobre a bola. 9. Aplicação de métodos defensivos pressionantes de forma a recuperar a posse de bola longe da sua

	ataque. 12. Rápida transição de atitudes e comportamentos defesa-ataque. 13. Simplicidade. 14. Superioridade numérica ou vantagem posicional perto da baliza adversária. 15. Transição rápida da bola da zona de recuperação à zona de finalização.	12. Número reduzido de passes. 13. PASSES rápidos, curtos e longos alternados. 14. Ritmo de jogo elevado (elevada velocidade de circulação de bola e dos jogadores). 15. Preparação mais demorada e laboriosa da fase de finalização que o contra-ataque. 16. Grande velocidade de deslocamentos dos jogadores, sobretudo em profundidade.	própria baliza e diminuir a profundidade do processo ofensivo adversário e retirar-lhe parte da iniciativa, quando este se encontra de posse de bola. 10. Constante equilíbrio da Organização do MJO. 11. Intervêm mais de 6 jogadores sobre a bola. 12. PASSES curtos e desmarcações de apoio. 13. Preferível ações a mais do que ações que possam provocar a perda da bola extemporaneamente. 14. Realiza acima de 7 passes. 15. Segurança nas atitudes/comportamentos individuais e colectivos na situação de construção do processo ofensivo. 16. Utilização de ações técnico-táticas de compensação e permutação. 17. Utilização de um grande número de jogadores e de ações técnico-táticas para concretizar os objectivos do ataque. 18. Menor velocidade de circulação de bola e dos jogadores. 19. Ritmo de jogo lento relativamente aos outros dois métodos.
--	---	--	--

De acordo com a leitura do Quadro 5, podemos reparar que existem os ataques de curta duração, que contempla o Contra-Ataque (CA) e o Ataque Rápido (AR) e os ataques de longa duração onde está inserido o Ataque Posicional (AP).

O CA caracteriza-se pela recuperação de bola no meio campo defensivo e uma grande velocidade da transmissão da bola em profundidade e dos jogadores, de forma a aproveitar a desorganização adversária. É um ataque de curta duração com um número reduzido de passes e de jogadores envolvidos na jogada.

O AR é caracterizado por um tempo de realização inferior a 18 segundos, com 7 passes no máximo e uma grande velocidade de transmissão de bola entre os jogadores. Como a equipa adversária está equilibrada

defensivamente obriga a um ritmo de jogo elevado e por isso uma preparação mais demorada que o CA.

O AP é um ataque de longa duração com tempo de realização de ataque superior a 18 segundos e caracteriza-se pela procura de situações mais favoráveis de espaço e de tempo através de uma posse de bola realizada mais em largura que em profundidade. A equipa procura permanentemente a ocupação racional do espaço de jogo.

2.3 Treinador da Formação

“Treinar jovens não é o mesmo que treinar adultos. Para treinar jovens, é necessário ter motivação, e ser capaz de estabelecer uma boa relação com os jovens, e conhecer os métodos e os meios mais adequados para o seu desenvolvimento.”

Pacheco (2001, p 43)

A formação de futebolistas é um procedimento que se processa a longo prazo em que se procura o desenvolvimento das capacidades intelectuais e motoras do jovem praticante no sentido de responder às exigências impostas pela competição. No entanto, é fundamental não esquecer que as crianças têm características muito específicas e por isso o seu processo de treino deve também ele ser diferente, de forma a respeitar as características dos jovens futebolistas em formação.

Assim sendo, Pacheco (2001) defende que o treinador não poderá continuar a ser um ex-praticante, que sem formação específica, utiliza a sua experiência como jogador para organizar e dirigir as sessões de treino e jogos, devendo também possuir formação própria que o habilite a treinar jovens. Também Garganta (2004) defende que o papel do treinador não se restringe à função de instrutor, uma vez que este deve ter a capacidade de liderar o processo global da evolução dos seus atletas no que diz respeito ao rendimento desportivo e ao desenvolvimento pessoal e coletivo. Na mesma linha de pensamento encontra-se Stratton et al. (2004) que defende a utilização de treinadores, para os escalões de formação, com maior conhecimento acerca do desenvolvimento da criança e com experiência no treino de jovens, referindo que estes têm mais hipóteses de ajudar os jovens em formação a atingirem o seu potencial.

Deste modo, o treinador deve possuir um grande conhecimento no que diz respeito aos aspetos psicopedagógicos, psicossociais e psicofisiológicos, para dar respostas às necessidades dos jovens que contacta, uma vez que estes iniciam a sua prática desportiva em idades muito diversas (Costa, 2006).

Desta forma, é fundamental que os treinadores da formação tenham experiência, um bom conhecimento do jogo de futebol assim como do desenvolvimento da criança e que tenha uma boa relação com os jovens. Contudo, também é essencial que os treinadores estejam dispostos a aprender e aperfeiçoar-se no decorrer da sua vida, tal como os grandes desportistas, uma vez que treinar e fazer treinar é uma tarefa difícil e complexa para a qual é preciso estar preparado (Ruiz, 1998, cit. por Pacheco, 2001).

Sabendo do principal objetivo dos escalões de formação, ou seja, formar jogadores com potencial para integrar a equipa sénior, não podemos esquecer de referir que na maioria das situações, os dirigentes/pais procuram vitórias a curto prazo e, por vezes, algumas etapas de formação são passadas à frente devido ao valor que é atribuído por todos à vitória. Assim sendo, alguns treinadores preferem valorizar a vitória, procurando o seu sucesso imediato, ignorando as necessidades que cada jovem futebolista em formação necessita a fim de exponenciar ao máximo as suas potencialidades.

Por isso, é crucial que todos os treinadores da formação procurem a qualidade de jogo, de forma a desenvolver as capacidades motoras e intelectuais das crianças, na procura de uma formação que se quer que se processe devagar a fim de cumprir todos os pressupostos necessários. Assim, Pacheco (2001) defende que na formação o importante é aprender e que existe tempo para se ganhar finais e troféus.

Ainda no que se refere à formação dos treinadores, para além da ainda necessidade da formação através da via académica ou através das Associações de Futebol e/ou da Federação Portuguesa de Futebol, a formação por parte dos clubes assume-se cada vez mais como crucial. De acordo com Leal e Quinta (2001) os clubes devem procurar treinadores identificados com o clube e com o processo de formação do mesmo, partilhando a mesma concepção de jogo, de treino e de jogador, visualizando a formação de uma concepção uniformizada. De acordo com os mesmos autores, esta realidade permite um trabalho mais organizado e planeado por parte dos treinadores e dos próprios clubes, ajudando no processo de formação. Porém, para que esta situação aconteça é necessário que os clubes criem formação para os

treinadores, sendo fundamental que haja uma preocupação no sentido de alterar mentalidades por parte dos dirigentes dos clubes.

2.3.1 A importância da linguagem por parte dos treinadores de um mesmo clube

O reconhecimento social e desportivo dado aos treinadores de formação em Portugal é muito baixo, o que se pode verificar através da baixa renumeração que estes auferem ou a ausência dela. Esta situação leva a que os treinadores procurem chegar rapidamente a escalões onde o reconhecimento e os vencimentos sejam maiores, originando sucessivas trocas de treinadores nos escalões de formação.

Assim sendo, é fundamental que os clubes efetuem formação para os seus treinadores, a fim de estarem todos identificados com a mesma forma de trabalho nos escalões de formação, na procura de um padrão de jogo singular para o clube e de um modelo de jogador que potencializa esse mesmo “jogar”. Desta forma, Leal e Quinta (2001) frisam a importância de uniformizar os critérios dos treinadores dos diferentes escalões, pois essa situação trará benefícios no processo de formação dos futebolistas do clube, pois eliminará a possibilidade de conflitos perturbadores da normal evolução do jovem praticante, irá otimizar os meios, evitar quebras e descontinuidade na sua evolução e acima de tudo evitará a entrada de ideias díspares que poderão ser perigosas para o seu desenvolvimento.

Neste sentido e não menos importante é a linguagem utilizada por parte dos treinadores. Por vezes, as crianças e jovens futebolistas têm dificuldades em entender o que se pretende. Assim, é fundamental que se adeque a linguagem aos jovens, permitindo um perfeito entendimento do que se pretende. Para isso, pode ser importante a utilização de vocabulário mais infantil e afastado do jogo no sentido de facilitar o entendimento do que se pretende.

De acordo com Vieira (2006), o treinador poderá também criar uma história para a equipa, a fim de tentar uniformizar os comportamentos que pretende para a sua equipa.

Neste sentido, Dias (2001) defende que o objetivo da comunicação durante todo o processo por parte do treinador é fazer com que todos participem num projeto global, separando a informação pertinente e objetiva, a fim de tomar decisões em função do meio que se pretende. Nesse sentido, é crucial para o treinador projetar uma qualquer ideia do futuro (modelo comunicacional de ensino-aprendizagem/treino), o qual será o guia de toda a comunicação interna/intrapessoal e externa/interpessoal (Vieira, 2006)

Face à constante mudança dos treinadores, do escalão etário por parte dos praticantes e da própria estrutura funcional do futebol (número de jogadores) é fundamental que se utilize uma linguagem comum por parte de todos os treinadores do clube, a fim de facilitar a compreensão dos conteúdos. Desta forma, a adaptação e transição dos jovens futebolistas poderá ser facilitada, visto que os jogadores já conhecem a linguagem utilizada por outros treinadores e desta forma os conteúdos abordados não serão desconhecidos para eles.

2.3.2 A intervenção do treinador, um meio que confere Especificidade ao exercício

“Por vezes, os exercícios estão completamente adequados ao modelo de jogo, no entanto, devido à intervenção inadequada ou à não intervenção do treinador eles podem tornar-se desajustados.”

Oliveira (2004, p 61)

Os exercícios aplicados durante as unidades de treino devem sempre surgir em função de algo, de forma a que promova um determinado comportamento. Para isso, é importante que os jogadores tenham conhecimento do objetivo do exercício no sentido de focar a atenção no que se

pretende para atingir um determinado jogar e de forma a que a configuração do exercício tenha um determinado sentido através do qual os jogadores se baseiam para assumirem determinados comportamentos. Assim, Campos (2008, p 85) refere que *“quando os jogadores estão em plena ação no exercício é importante perceberem qual o objetivo daquilo que estão a fazer e em que contexto do jogar aquilo se insere, para desta forma evitar abstrações inócuos.”*

No entanto, a dinâmica do exercício é também configurada pela intervenção do treinador antes, durante e após o mesmo, uma vez que a Especificidade do exercício não contempla apenas a configuração estrutural e “funcional” dos acontecimentos (Gomes, 2006). Por exemplo, o mesmo exercício poderá promover uma configuração diferente para as duas equipas em confronto, em função do propósito e do foco de atenção dado pelo treinador para cada equipa, dado que a uma equipa o treinador pode pedir um determinado comportamento enquanto à outra equipa poderá pedir um comportamento completamente diferente.

Ainda assim, durante a realização do exercício devemos estar atentos a possíveis ajustes que poderão ser feitos para direccionar o exercício para o que pretendemos, tanto a nível de comportamentos como a nível de complexidade, no sentido de procurar uma maior Especificidade do exercício. Deste modo, é fundamental que o treinador tenha um perfeito conhecimento do Modelo de Jogo. Assim Faria (2007 in Campos, 2008, Anexo 3) refere que *“durante a execução do exercício, a intervenção em função da relação jogador-exercício-treinador, leva a que por vezes sintamos a necessidade de criar ainda mais qualquer acrescento para que o que pretendemos se manifeste de forma ainda mais vinculada e este tipo de intervenção é apenas possível se soubermos muito bem onde estamos e para onde queremos ir, isto é, exige-se um conhecimento muito bem estruturado do Modelo de Jogo que nos permita reajustar a intervenção sempre no sentido de um direccionamento específico.”*

Deste modo, a intervenção no exercício por parte do treinador promove um foco de atenção do exercício, configurando a dinâmica para os comportamentos pretendidos de forma a garantir a qualidade comportamental

que se pretende para um determinado “jogar” (Gomes, 2006), para que os problemas da equipa durante a competição sejam resolvidos de acordo com os princípios do Modelo de Jogo.

Assim, “o exercício é o meio através do qual se desenvolve a Especificidade, pelo sentido que lhe é conferido. E por isso é que a intervenção do treinador é determinante sobretudo no “aqui e agora” para dar a conhecer o sentido que confere aos acontecimentos, reforçando determinados aspetos e inibindo outros. Assim, esta intervenção funciona como um diálogo entre o treinador e jogadores no desenvolvimento do exercício” (Gomes, 2006, p 64).

3. PROBLEMAS, OBJETIVOS, HIPÓTESES

3.1 Problema

Os clubes têm grandes dificuldades do ponto de vista financeiro e como consequência das dificuldades económicas, as equipas vêm-se obrigadas a vender os seus melhores jogadores, perdendo qualidade na sua estrutura, uma vez que não têm capacidade de contratar jogadores do mesmo nível.

Assim, os clubes sentem uma necessidade maior de uma aposta séria na formação de crianças e jovens futebolistas, como forma de manterem o clube sustentável do ponto de vista económico e desportivo.

Face à complexidade do processo de formação, surgiu a necessidade de adaptar o jogo de futebol às características das crianças, introduzindo-se no Futebol de formação diversas estruturas formais de jogo de Futebol de acordo com a idade e nível de jogo do futebolista em formação.

No entanto, a introdução de outras estruturas formais de jogo nem sempre foram consensuais, uma vez que a utilização de outras estruturas formais de jogo poderá resultar numa dificuldade para a transição do Futebol de 11.

Tendo em consciência que o jogo de Futebol se dá em contextos imprevisíveis, aleatórios e variáveis onde o treinador procura controlar ao máximo todas as variáveis em jogo, e que a formação de jovens futebolistas é um processo de elevada complexidade, devemos objetivar ao máximo o problema e os objetivos que delineamos, assim como os meios e os métodos que nos serviremos para resolver, pois só assim será possível analisar a influência das diferentes estruturas formais de jogo (Futebol de 7 e Futebol de 11) na formação dos jovens futebolistas, tendo em conta uma linha de orientação que ajuda todo o processo de formação: os princípios de jogo.

Desta forma, a questão que confere sentido a este estudo é a seguinte:

Será que um conjunto de Princípios de Jogo Comuns a um clube, constitui um fator facilitador para a adaptação das crianças e jovens, após a transição do Futebol de 7 para o Futebol de 11?

3.2 Objetivos do estudo

A escolha dos pressupostos metodológicos para o processo de investigação deste trabalho baseia-se na possibilidade de concretização dos objetivos.

Desta forma, para que o processo de observação permita descrever de forma objetiva a realidade para que esta possa ser analisada, é fundamental uma rigorosa delimitação dos objetivos que se pretende concretizar.

Os objetivos definidos para o trabalho são os seguintes:

1. Verificar se existe tendência para o processo ofensivo se iniciar no mesmo setor no Futebol de 7 (Infantis) e no Futebol de 11 (Iniciados).
2. Verificar se existe tendência para as ações que culminam com um remate à baliza se iniciarem no mesmo setor no Futebol de 7 (Infantis) e no Futebol de 11 (Iniciados).
3. Verificar se existe tendência para as ações que culminam em golo se iniciarem no mesmo setor no Futebol de 7 (Infantis) e no Futebol de 11 (Iniciados).
4. Verificar se existe tendência para as ações que culminam em ações de finalização se processaram através do mesmo método/estilo de jogo no Futebol de 7 (Infantis) e no Futebol de 11 (Iniciados).

5. Verificar se existe tendência para as ações que culminam em golo se processaram através do mesmo método/estilo de jogo no Futebol de 7 (Infantis) e no Futebol de 11 (Iniciados).

3.3 Hipóteses do Estudo

As hipóteses colocadas para o seguinte estudo são:

1. Espera-se que exista tendência para o início do processo ofensivo se processar no mesmo setor no Futebol de 7 e no Futebol de 11.
2. Espera-se que exista tendência para as ações ofensivas concluídas com remate à baliza se iniciem no mesmo setor no Futebol de 7 e no Futebol de 11.
3. Espera-se que exista tendência para as ações ofensivas concluídas com sucesso (golo) se iniciem no mesmo setor no Futebol de 7 e no Futebol de 11.
4. Espera-se que as ações de finalização concluídas com remate à baliza se processem através do mesmo método/estilo de jogo no Futebol de 7 e no Futebol de 11.
5. Espera-se que os golos obtidos se processem através do mesmo método/estilo de jogo no Futebol de 7 e no Futebol de 11.

4. MATERIAL E MÉTODOS

Após o recolhimento de toda a informação, procedemos à observação sistemática e repetida de toda a informação para a elaboração deste estudo, de forma a estudar as hipóteses por nós estabelecidas.

4.1 Caracterização da Amostra

A nossa amostra é constituída pelas ações ofensivas de 15 jogos de Futebol masculino, sendo que 10 deles pertencem ao escalão etário de Infantis na época 2011/2012 e os restantes 5 jogos pertencem ao escalão etário de Iniciados na época 2012/2013.

É importante referir que as equipas são pertencentes ao mesmo clube e, por isso, partilham princípios de jogo transversais no seu modelo de jogo e o plantel da equipa de Iniciados é constituído por 6 jogadores que fizeram parte do escalão etário de Infantis nas equipas do clube.

4.2 Metodologia

O Futebol é uma modalidade desportiva coletiva onde a alternância de momentos de posse de bola é grande ao longo do jogo, sendo difícil analisar todas as situações que ocorrem durante cada jogo. Desta forma, optamos pela análise dos jogos através de imagens de vídeo gravadas (observação indireta).

Na observação foram analisados:

- ❖ As ações ofensivas de 10 jogos de Futebol de 7, do escalão etário de Infantis, com a duração de 2x30 minutos na época 2011/2012.

❖ As ações ofensivas de 5 jogos de Futebol de 11, do escalão etário de Iniciados, com a duração de 2x35 minutos na época 2012/2013.

4.3 Variáveis Observadas

De acordo com a revisão da literatura analisada, as categorias foram analisadas em função de possuírem princípios de jogo transversais a todas as equipas, de forma a verificar se a forma das equipas jogarem são semelhantes.

Desta forma, iremos fazer uma análise ao Processo Ofensivo, sendo que iremos analisar as seguintes subcategorias:

- Sector de início do Processo Ofensivo (SD, SMD, SMO, SO).
- Sector de início do Processo Ofensivo resultante em ações de finalização (SD, SMD, SMO, SO).
- Sector de início do Processo Ofensivo resultante em golo (SD, SMD, SMO, SO).

O **Início do Processo Ofensivo (IPO)** acontece sempre que a equipa até então, não possuidora da posse da bola, a consegue recuperar passando a estar na posse da mesma. Esta pode ser direta – no decorrer do jogo, sem que qualquer infração regulamentar tenha sido sancionada – ou indireta – por infração às leis do jogo por parte do adversário. O início do processo ofensivo inicia-se quando existe uma recuperação de bola, de forma direta ou indireta, e o portador da bola: realiza pelo menos 3 contactos consecutivos com a bola e/ou executa um passe que permite manter a posse da bola ou executa um remate (finalização).



FIGURA 1: Formato do Campo dividido em 12 zonas (Garganta, 1997; Silva, 2004 cit. por Barreira, 2006, p 95).

O Método de Jogo Ofensivo evidencia a forma de organização das ações dos jogadores na fase ofensiva, com o intuito de concretizar um conjunto de princípios implícitos, desde a recuperação de bola até à progressão/finalização e /ou manutenção da posse de bola (Garganta, 1997). Assim, utilizaremos o Quadro 5: resumo das características de cada método de jogo ofensivo (Adaptado de Morgado, 1999:26, cit. por Barreira, 2006:71), de forma auxiliar a análise dos estilos de jogo ofensivo.

- Ações Finalização do Processo Ofensivo através de Contra-Ataque, Ataque- Rápido, Ataque Posicional ou Bola Parada.
- Golo através de Contra-Ataque, Ataque- Rápido, Ataque Posicional ou Bola Parada.

A **Finalização do Processo Ofensivo** acontece sempre que a equipa finaliza o processo ofensivo (com ou sem sucesso – fator golo) quando algum elemento da equipa concretiza um remate geralmente forte na direção da baliza com o intuito de fazer a bola entrar na baliza.

No que se refere os lances de **bola parada (BP)** existem 7 tipos de situações de bola parada”: canto, lançamento de linha lateral, pontapé de baliza, penálti, livre direto, livre indireto, e outros (início da parte, bola ao solo dada pelo árbitro).

4.4 Instrumentos

Para a recolha e tratamento da informação, foram utilizados os seguintes materiais de apoio:

- ❖ MacBook Pro
- ❖ Camêra de Vídeo Sony
- ❖ Fichas de observação

4.4 Fiabilidade da Observação

Ao tomarmos consciência das limitações do processo de observação, facilmente nos apercebemos de que a determinação da sua fiabilidade é uma necessidade inquestionável.

Para verificar a fiabilidade intra-observadores, alguns dos jogos foram observados duas vezes com pelo menos uma semana de intervalo. Este teste teve como objectivo assegurar que, face à mesma situação, ainda que em momentos diferentes, obtivéssemos os mesmos resultados.

Desta forma, foi utilizada a fórmula utilizada por Bellack e tal. (1966).

Índice de fiabilidade = (Número de Acordos / (Número de Desacordos + Número de Acordos)) x 100

A fiabilidade da observação foi confirmada, na medida em que, todos os valores se situaram acima dos 80%.

QUADRO 6: Fiabilidade intra-observador (percentagem de acordos entre as variáveis).

Variáveis Observadas	% de acordos intra-observador
IPO - SD	87%
IPO - SMD	87%
IPO - SMO	80%
IPO - SO	87%
Ações de Finalização Iniciadas no SD	100%
Ações de Finalização Iniciadas no SMD	93%
Ações de Finalização Iniciadas no SMO	80%
Ações de Finalização Iniciadas no SO	100%
Golos Iniciados no SD	100%
Golos Iniciados no SMD	100%
Golos Iniciados no SMO	100%
Golos Iniciados no SO	100%
Ações de Finalização através de CA	100%
Ações de Finalização através de AR	93%
Ações de Finalização através de AP	100%
Ações de Finalização através de BP	100%
Golos através de CA	100%
Golos através de AR	100%
Golos através de AP	100%
Golos através de BP	100%

4.5 Procedimentos Estatísticos

Para a realização da análise estatística dos dados obtidos no nosso estudo, foram utilizados o software Microsoft Office Excel e o programa estatístico SPSS (Statistical Package For Social Science) – Versão 20.0.

Foram utilizados parâmetros de estatística descritiva, para o cálculo da Média, do Desvio-Padrão e da Percentagem.

A comparação e identificação de diferenças, nas médias das variáveis estudadas entre os escalões abordados foi realizada através do “Teste T” de medidas independentes para verificar em que medidas e momentos se verificam diferenças estatisticamente significativas.

O nível de significância foi mantido em 5%.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A observação e análise do jogo constituem um fator muito importante na preparação desportiva das equipas, fornecendo aos treinadores informação crucial, para o conhecimento do valor e das características do adversário, assim como para o conhecimento da própria equipa.

Deste modo, Garganta (1997) refere que a análise de jogo possibilita aumentar a qualidade do jogo e do treino e também, melhorar a preparação da competição e aumentar o nível do próprio jogo e dos jogadores.

Assim, os resultados obtidos no presente estudo através da observação e análise do jogo podem dizer respeito ao desempenho da própria equipa e do adversário (Garganta, 1997).

5.1 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS

Neste ponto serão apresentados os resultados para o cálculo da Média (X), do Desvio-Padrão (DP) e da Percentagem (%), assim como a comparação e identificação de diferenças nas médias das variáveis estudadas para verificar se existem diferenças estatisticamente significativas.

5.1.1 Análise do Setor de Início do Processo Ofensivo

No Quadro 7, podemos verificar o setor onde as equipas recuperam a bola e iniciam o seu processo ofensivo no que diz respeito às duas estruturas formais de jogo, o Futebol de 7 e o Futebol de 11.

Os resultados obtidos revelam que existem diferenças estatisticamente significativas para o início do processo ofensivo no setor médio defensivo e no setor médio ofensivo ($p < 0,05$) entre as duas estruturas formais de jogo.

QUADRO 7 – Análise comparativa do Setor de Início do Processo Ofensivo no Futebol de 7 (Infantis) e no Futebol de 11 (Iniciados)

Estrutura	Futebol de 7			Futebol de 11				
SIPO	N	X±DP	%	N	X±DP	%	T	p
SD	271	27,1± 8,29	25	112	22,4 ± 3,85	18	1,19	0,256
SMD	321	32,1 ± 7,39	30	232	46,4 ± 4,34	37	-3,96	0,002*
SMO	286	28,6 ± 4,6	27	209	41,8 ± 5,22	34	-5,02	0*
SO	201	20,1 ± 7,36	19	70	14,0 ± 4,0	11	1,71	0,111

(*) diferenças estatisticamente significativas entre o Futebol de 7 e o Futebol de 11.

As diferenças encontradas podem estar relacionadas com a alteração da regra do fora-de-jogo. Se no Futebol de 7 a aplicação desta regra apenas acontece a partir do prolongamento da linha da grande área, no Futebol de 11 a regra é aplicada a partir da linha do meio campo, permitindo que as equipas que praticam Futebol de 11 se organizem defensivamente em zonas mais avançadas do terreno de jogo, quando comparadas com as equipas que praticam Futebol de 7, criando assim maiores dificuldades em termos de progressão no terreno ao adversário.

O número de jogadores envolvidos em cada uma das estruturas (7 e 11) também poderá ser um motivo para as diferenças encontradas, uma vez que a presença de um maior número de jogadores no Futebol de 11, pode criar uma maior aglomeração nos setores intermédios do campo e, por isso, um maior número de processos ofensivos iniciados nestes setores quando comparado com o Futebol de 7.

Se reparamos nos valores percentuais para o início do processo ofensivo no setor defensivo, verificamos que no Futebol de 7 ocorrem com mais incidência do que Futebol de 11, que poderá ser resultante de uma menor organização defensiva das equipas em virtude da regra do fora-de-jogo ser aplicada a partir do prolongamento da linha da grande área e de um menor número de jogadores. Assim, as equipas de Futebol de 7 recuperam a bola mais vezes no setor defensivo em comparação com as equipas do Futebol de 11, o que faz com que iniciem o processo ofensivo com mais frequência nesse setor.

Este facto parece ir de encontro às palavras de Pacheco (2000) que refere que equipas mais experientes tendem a conquistar a posse de bola em setores mais próximos da baliza adversária.

Também Lucchesi (2003) refere que as equipas de nível superior recuperam, em média, um maior número de bolas no meio campo ofensivo quando comparadas com as equipas de nível inferior, o que poderá estar relacionado com uma atitude mais ativa e organizada no momento defensivo.

Dado que as equipas que praticam Futebol de 11 têm jogadores mais experientes e com um nível de jogo maior, podemos concluir que as diferenças encontradas para o início do processo ofensivo nos setores intermédios do campo podem estar relacionadas com o facto da regra do fora-de-jogo cobrir um espaço maior (é aplicado a partir da linha de meio campo) e um número de jogadores superior.

Desta forma, parece existir congruência nos resultados ao nível do processo ofensivo iniciado no setor defensivo e no setor ofensivo entre o Futebol de 7 e o Futebol de 11.

5.1.2 Análise do Setor de Início do Processo Ofensivo resultante em Ações de Finalização

No Quadro 8, podemos verificar o setor onde as equipas iniciam as ações ofensivas que terminam com remate à baliza adversária, nas duas estruturas formais do jogo, Futebol de 7 e Futebol de 11.

QUADRO 8 – Análise comparativa do Setor de Início do Processo Ofensivo resultante em Ações de Finalização no Futebol de 7 (Infantis) e no Futebol de 11 (Iniciados)

Estrutura	Futebol de 7			Futebol de 11				
	SIPOAF	N	X±DP	%	N	X±DP	%	p
SD		47	4,7 ± 2,63	16	24	1,6 ± 1,52	19	2,417
SMD		55	5,5 ± 2,46	18	29	4 ± 0,71	23	1,314
SMO		96	9,6 ± 3,73	32	41	7,6 ± 1,82	32	1,225
SO		100	10 ± 4,88	34	34	5 ± 1,87	27	2,18

(*) diferenças estatisticamente significativas entre o Futebol de 7 e o Futebol de 11.

Os resultados obtidos revelam que existem diferenças estatisticamente significativas para as ações ofensivas terminadas com remate à baliza que iniciam no setor defensivo e no setor ofensivo ($p < 0,05$) entre as duas estruturas formais de jogo.

As diferenças encontradas no que diz respeito às ações ofensivas culminadas com remate à baliza iniciadas no setor defensivo, também poderão estar relacionadas com a maior organização defensiva dos adversários nas equipas de Futebol de 11 em virtude da aplicação da regra do fora-de-jogo a partir da linha de meio campo e de um maior número de jogadores que participam no jogo. Desta forma, as equipas de Futebol de 11 começam a tentar recuperar a posse de bola em zonas mais avançadas do terreno, dificultando à equipa em posse de bola a criação de situações de finalização iniciadas no setor defensivo, dado que têm que ultrapassar equipas mais organizadas e com um maior número de jogadores para criarem situações de finalização.

Assim, o facto das equipas mais experientes conquistarem a posse de bola em zonas mais avançadas do terreno de jogo está relacionado com uma atitude mais ativa do ponto de vista defensivo, impedindo que no Futebol de 11 as ações de finalização que se iniciam no setor defensivo aconteçam com menos frequência quando comparamos com o Futebol de 7.

As diferenças encontradas para as ações de finalização iniciadas no setor ofensivo, podem estar relacionadas com a menor qualidade técnica dos jogadores que praticam Futebol de 7, uma vez que são mais novos e menos experientes que os praticantes do Futebol de 11. Assim, no escalão de Infantis, existe uma maior frequência das ações de finalização iniciadas no setor ofensivo em virtude de mais perdas de bola no setor defensivo, devido à qualidade técnica menor dos praticantes do Futebol de 7 quando comparados com o Futebol de 11.

O que dizemos anteriormente parece ir de encontro às palavras de Joaquim (2009) que refere que nas fases iniciais da sua formação os jovens têm mais dificuldades físicas e técnicas, algo que pode ser atenuado com a prática deliberada em atividades desportivas

Assim, julgamos que as diferenças encontradas para o setor de início do processo ofensivo culminado com remate à baliza, estão relacionadas com a regra do fora-de-jogo, com o número de jogadores inseridos em cada estrutura formal de jogo e com as diferenças ao nível da qualidade técnica.

Para as situações de finalização iniciadas no setor médio defensivo e no setor médio ofensivo, parece existir uma congruência nos resultados obtidos, verificando-se que através da utilização de princípios de jogo comuns parece existir transferência de comportamentos na transição do Futebol de 7 para o Futebol de 11.

5.1.3 Análise do Setor de Início do Processo Ofensivo resultante em Golo

No Quadro 9, podemos verificar o setor onde as equipas que praticam Futebol de 7 e Futebol de 11 iniciam as suas ações ofensivas resultantes em golo.

QUADRO 9 – Análise comparativa do Setor de Início do Processo Ofensivo resultante em Golo no Futebol de 7 (Infantis) e no Futebol de 11 (Iniciados)

Estrutura	Futebol de 7			Futebol de 11				
	SIPOG	N	X±DP	%	N	X±DP	%	p
	SD	13	1,3 ± 0,95	20	2	0,4 ± 0,55	14	0,74
	SMD	14	1,4 ± 0,97	22	5	1 ± 0,71	36	0,429
	SMO	20	10 ± 2	31	5	5 ± 1	36	0,219
	SO	17	1,4 ± 1,58	27	2	0,4 ± 0,55	14	0,198

Os resultados obtidos revelam que não existem diferenças estatisticamente significativas para o setor onde se iniciam as ações ofensivas que terminam com a obtenção de golo ($p>0,05$)

No entanto, se compararmos, em média, o número de ocorrências por jogo, no Futebol de 11 acontecem menos golos iniciados no setor defensivo, o que pode ser justificado com a utilização da regra do fora-de-jogo a partir do meio campo e de um maior número de jogadores, que permite que as equipas recuperem a bola em setores mais avançados do terreno de jogo, verificando-se alguma semelhança com o que acontece para as ações ofensivas

culminadas com remate à baliza. Assim, o facto das equipas de Futebol de 7 tentarem recuar de imediato, possibilita que a outra equipa saia a jogar com mais facilidade.

No entanto, devido a lacunas técnicas, as perdas de bola são mais frequentes no Futebol o que promove a maior existência de golos para o Futebol de 7.

Assim, também se verifica uma tendência para que na prática do Futebol de 7 aconteçam mais golos, em média, através de situações ofensivas iniciadas no setor ofensivo, o que vai de encontro ao referido anteriormente, quando nos referimos aos praticantes desta estrutura formal de jogo como sendo menos evoluídos fisicamente e tecnicamente, o que promove um aumento de perdas de bola nas zonas defensivas.

Parece-nos pertinente referir que as probabilidades de uma ação ofensiva terminar numa situação de finalização ou em golo depende muito das condições onde a posse de bola é recuperada e onde se inicia o processo ofensivo (Castelo, 1994).

Desta forma, podemos concluir que o facto de não existirem diferenças no setor de início das ações de finalização resultante em golos entre as duas estruturas formais de jogo demonstra um padrão de estabilidade no setor onde o golo é iniciado. No entanto, estes resultados parecem ir de encontro aos resultados que obtivemos em relação ao setor de início das ações de finalização quando comparamos o Futebol de 7 e o Futebol de 11.

Desta forma, parece existir congruência no que diz respeito ao setor onde os golos são iniciados, verificando-se uma tendência para os golos obtidos serem iniciados no mesmo setor no Futebol de 7 e no Futebol de 11, através da utilização de princípios de jogo comuns.

5.1.4 Análise ao Método/Estilo de Jogo resultante em Ações de Finalização

No Quadro 10, podemos verificar o método/estilo de jogo utilizado pelas equipas no Futebol de 7 e no Futebol de 11 para obter situações de finalização.

QUADRO 10 – Análise comparativa entre o Método de Jogo utilizado para a criação de situações de finalização no Futebol de 7 (Infantis) e no Futebol de 11 (Iniciados)

Estrutura	Futebol de 7			Futebol de 11				
	MJAF	N	X±DP	%	N	X±DP	%	p
CA		43	4,3 ± 2,36	14	9	1,8 ± 0,84	10	2,263
AR		146	14,6 ± 6,67	49	45	9 ± 2,35	49	1,794
AP		62	6,2 ± 3,68	21	13	2,6 ± 2,61	14	1,943
BP		47	4,7 ± 1,89	16	24	4,8 ± 2,68	26	-0,084

(*) diferenças estatisticamente significativas entre o Futebol de 7 e o Futebol de 11.

Os resultados obtidos revelam que existem diferenças estatisticamente significativas para as ações que terminam com um remate à baliza através de contra-ataque ($p < 0,05$).

O contra-ataque é caracterizado por ter pouco tempo de ataque e pela equipa adversária não se encontrar organizada defensivamente. A progressão no terreno é procurada através de passes preferencialmente em profundidade para aproveitar essa eventual desorganização. Porém, o facto das equipas que praticam Futebol de 11 serem mais organizadas e, por isso, procurarem recuperar a bola em zonas mais avançadas do terreno de jogo quando comparamos com o Futebol de 7, parece condicionar a obtenção de situações de finalização através de contra-ataque no Futebol de 11, que apresenta um menor número de situações de finalização, em média, através de contra-ataques quando estabelecemos comparações com o Futebol de 7.

Estas diferenças também poderão estar relacionadas com o número de jogadores utilizados em cada estrutura formal de jogo. Desta forma, no Futebol de 11 devido às equipas possuírem uma maior número de jogadores, existem mais jogadores para serem ultrapassados, o que parece estar relacionado com um menor número de situações de finalização obtidas, em média, através de contra-ataque.

Apesar de não existirem diferenças para as situações de finalização através de bolas paradas, em termos percentuais, verificamos uma maior

percentagem de remates obtidos através de bolas paradas. Este fato permite-nos aferir que existe uma maior organização defensiva e mais agressiva no Futebol de 11 e, por isso, as situações de bolas paradas constituem uma forma de importante de procurar situações de finalização.

Gonçalves (2005) refere que o grande número e percentagem de recuperações de bola conseguidas através de lances de bola parada, poderão ser explicados pela utilização de organizações defensivas agressivas, que levam a que as equipas adversárias percam muitas vezes a posse de bola devido a faltas e saídas da bola do terreno de jogo.

No que diz respeito às situações de finalização obtidas através do ataque posicional, verificamos que apesar de não existirem diferenças estatisticamente significativas, em média, estas ocorrem com maior incidência no Futebol de 7, que poderá ter justificação no facto da organização defensiva estar mais recuada em função do fora-de-jogo só se aplicar a partir do prolongamento da linha da grande área, tornando-se mais fácil organizar ataques mais demorados do que no Futebol de 11.

Assim sendo, existe congruência na forma como as ações de finalização são conseguidas para o ataque rápido, ataque posicional e bolas paradas, verificando-se diferenças ao nível do contra-ataque, em virtude da regra do fora de jogo e de um número de jogadores diferente.

5.1.5 Análise do Método/Estilo de Jogo resultante em Golo

No Quadro 11, podemos verificar o método/estilo de jogo utilizado nas equipas das duas estruturas formais de jogo para situações de finalização terminadas com sucesso (golo).

QUADRO 11 – Análise comparativa entre o Método de Jogo utilizado para a obtenção de Golo no Futebol de 7 (Infantis) e no Futebol de 11 (Iniciados)

Estrutura	Futebol de 7			Futebol de 11				
MJG	N	X±DP	%	N	X±DP	%	T	p
CA	16	1,6 ± 1,84	25	3	0,6 ± 0,55	21	1,171	0,263
AR	25	2,5 ± 1,96	39	8	1,6 ± 5,48	57	0,992	0,34
AP	14	1,4 ± 0,84	22	1	0,2 ± 0,45	7	2,944	0,011*
BP	9	0,9 ± 0,88	14	2	0,4 ± 0,89	14	1,036	0,319

(*) diferenças estatisticamente significativas entre o Futebol de 7 e o Futebol de 11.

Os resultados obtidos revelam que existem diferenças estatisticamente significativas para as ações ofensivas que resultam em golo através de ataques posicionais ($p < 0,05$).

O ataque posicional é caracterizado por ser um ataque de longa duração, onde as equipas tentam desorganizar o adversário através de uma circulação de bola mais apoiada (que se realiza preferencialmente em largura). Desta forma, verificamos que o facto do Futebol de 7, em média, apresentar valores superiores ao Futebol de 11, pode estar relacionado com a menor organização das equipas no escalão de Infantis que tendem a defender mais recuadas do que as equipas de Futebol de 11 devido ao fora-de-jogo apenas ser aplicado a partir do prolongamento da linha de grande área. Assim, existe mais espaço e tempo, para que possam organizar o seu jogo de forma a desorganizar o adversário e, por isso, conseguem, em média, um número superior de golos através de ataques posicionais.

No Futebol de 11, o fora-de-jogo permite que as equipas defendam em zonas mais avançadas e como o nível dos jogadores é mais elevado, torna-se mais difícil desorganizar a equipa e obter golos através de ataques posicionais.

No Futebol de 11 a quantidade de jogadores também é maior o que causa maior dificuldade às equipas em ultrapassar a organização defensiva adversária.

As probabilidades de uma ação ofensiva acabar em finalização dependem muito das condições e circunstâncias nas quais a posse de bola foi recuperada (Castelo, 1994), sendo que a eficácia ofensiva depende, entre

outros, do tipo de organização defensiva utilizada e do local onde se recupera a posse de bola (Garganta et al., 2002).

Assim sendo, parece existir uma congruência para os golos obtidos nas duas estruturas do Futebol através de contra-ataques, ataques rápidos e bolas paradas, sendo que as diferenças encontradas para as ações ofensivas culminadas com remate à baliza, podem ser explicadas devido à maior quantidade de jogadores e, por isso, maiores dificuldades em desorganizar as equipas.

5.1.6 Análise Qualitativa dos Resultados

Em função dos objetivos propostos para o trabalho, podemos verificar que existem semelhanças para o setor defensivo e para o setor ofensivo no que diz respeito ao início do processo ofensivo, conferindo-se assim a existência de uma transferência do Futebol de 7 para o Futebol de 11 em função da utilização dos mesmos princípios de jogo. As diferenças encontradas para esta variável, ao nível do setor médio defensivo e do setor médio ofensivo parecem estar relacionadas com a utilização de diferentes regras (fora-de-jogo e número de jogadores) que permitem que as equipas estejam mais organizadas e defendam em zonas mais avançadas do terreno de jogo, dificultando a tarefa ofensiva do adversário no Futebol de 11.

No que se refere, ao setor onde as ações de finalização são iniciadas verificamos que existem semelhanças para as situações ofensivas finalizadas no setor médio defensivo e no setor médio ofensivo entre o Futebol de 7 e o Futebol de 11, parecendo existir uma transferência dos comportamentos entre as duas estruturas de jogo.

Para o setor de início do processo ofensivo resultante em golo, existe congruência entre os resultados obtidos, verificando-se que a utilização de princípios de jogo comuns, parece facilitar a transição do Futebol de 7 para o Futebol de 11.

As semelhanças encontradas para a forma como as equipas obtêm situações de finalização (ataque rápido, ataque posicional e bolas paradas)

parecem reforçar a ideia que a utilização de princípios de jogo comuns auxiliam na transição dos jogadores do Futebol de 7 para o Futebol de 11. As diferenças que foram encontradas para as situações de finalização obtidas através de contra-ataque poderão ser explicadas pelo maior número de jogadores a ultrapassar no Futebol de 11, diminuindo o êxito das ações quando comparamos com o Futebol de 7.

Para os golos obtidos através de contra-ataque, ataque rápido e bolas paradas existe congruência entre as equipas que praticam Futebol de 7 e Futebol de 11, o que poderá estar relacionado com a utilização dos mesmos princípios de jogo. No entanto, existem diferenças para os golos obtidos através de ataques posicionais, podendo estas diferenças ser explicadas pelo maior número de jogadores a ultrapassar no Futebol de 11, o que facilita uma organização defensiva mais equilibrada.

Desta forma, a utilização de princípios de jogo comuns por parte das equipas de um mesmo clube que utilizam diferentes estruturas do jogo parece ajudar na transição do Futebol de 7 para o Futebol de 11, dado que na maioria das variáveis observadas, os resultados foram semelhantes entre as duas estruturas formais de jogo, o Futebol de 7 para o Futebol de 11.

6. CONCLUSÕES

Tendo em consideração os propósitos do presente estudo, bem como as hipóteses formuladas, parece plausível retirar as seguintes conclusões:

(1) Existem diferenças estatisticamente significativas no que se refere ao início do setor médio defensivo e do setor médio ofensivo, que parecem estar relacionadas com as regras inerentes a cada uma das estruturas formais de jogo (regra do fora-de-jogo e número de jogadores), pois permite que as equipas do Futebol de 11 defendam com o seu bloco mais avançado no terreno de jogo e com mais jogadores.

(2) As diferenças encontradas para o setor defensivo e para o setor ofensivo no que diz respeito à forma como a equipa obtém situações de finalização parecem estar relacionadas com a utilização da regra do fora-de-jogo a partir da linha do meio campo no Futebol de 11 e com a menor qualidade técnica dos praticantes do Futebol de 7.

(3) Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para o setor onde são iniciados os golos.

(4) Existem diferenças estatisticamente significativas para as ações de finalização obtidas através de contra-ataques, verificando-se, em média, um maior número de ações de finalização obtidas através de contra-ataque no Futebol de 7. Estas diferenças talvez sejam motivadas pelo menor número de jogadores e como tal torna-se mais fácil os contra-ataques terem êxito, uma vez que existem menos jogadores a serem ultrapassados e menos possibilidades de uma organização defensiva equilibrada.

(5) Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para os golos obtidos através de ataque posicional, verificando-se, em média, um maior número de golos para o Futebol de 7, o que pode ser explicado por um menor

número de jogadores, sendo, por isso, mais fácil não perder a bola. O facto das equipas de Futebol de 11 defenderem mais avançadas no terreno de jogo parece dificultar a obtenção de golo através do ataque posicional.

Em função dos resultados obtidos, parece-nos legítimo afirmar que a utilização de princípios de jogo comuns parecem ajudar na transição do Futebol de 7 para o Futebol de 11, devido à semelhança existente entre grande parte das variáveis observadas. As diferenças encontradas no estudo parecem estar relacionadas com as diferenças nas regras do jogo e um nível superior de jogo por parte dos praticantes de Futebol de 11, que tem influência na dinâmica do jogo e na forma como as equipas se expressam em campo.

7. SUGESTÕES E PROPOSTAS PARA ESTUDOS FUTUROS

Na nossa opinião, todos os trabalhos que nos permitam verificar o “estado da arte”, no que diz respeito à prática desportiva do Futebol nas idades de formação revelam um papel extremamente importante.

Assim sendo, consideramos ser pertinente a realização de novos estudos sobre este e outros temas:

1. Verificar se o processo ofensivo se processa do mesmo modo, na mesma equipa de formação nas diferentes estruturas formais de jogo, mediante a utilização dos mesmos princípios de jogo.
2. Verificar se o processo ofensivo de equipas de formação, que pratiquem outras estruturas formais de jogo (por exemplo, Futebol 5 e Futebol de 7) se processa da mesma forma, em função da utilização dos mesmos princípios de jogo.
3. Verificar se o processo defensivo de equipas de formação se processa do mesmo modo, de acordo com a utilização dos mesmos princípios de jogo, nas diferentes estruturas do jogo de Futebol.

8. Referências Bibliográficas

Andrade, R. (2010). *Influência dos Processos de Ensino-Aprendizagem – Treinamento no Conhecimento Tático Processual no Escalão Sub-11 de Formação do Futebol*. Belo Horizonte. Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Educação Física, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

Baker, J. (2003). *Early specialization in youth sport: a requirement for adult expertise?* Hight Ability Studies, 14 (1), 85-94.

Balyi (2005). *Long-term athlete development*. Canadian sport for life.

Barreira, D. (2006). *Transição defesa-ataque em Futebol. Análise Sequencial de padrões de jogo relativos ao Campeonato Português 2004/05*. Dissertação de Licenciatura. Porto. FADEUP.

Barreto, R. (2003). *O Problematizar de dois princípios de jogo fundamentais no acesso ao rendimento superior do Futebol: o “pressing” e a “posse de bola” expressões duma descoberta guiada suportada numa lógica metodológica em que “o todo está na(s) parte(s) que está(ão) no todo”*. Porto. Monografia de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Basto, F. & Garganta, J. (1996). *Análise do processo ofensivo em equipas de Futebol de elevado nível: estudo das jogadas que culminam com golo*. In D. Pinto & C.Moutinho (Eds.). Estudos CEJD. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, p. 60.

Bate, R. (1988). *Football chance: tactics and strategy*. In T. Reilly, A. Lees, K. Davis & J. Murphy (Eds), Science and Football: Proceedings of the First World

Congress of Science and Football. Liverpool, 1987. London-New York: E. & F. N. Spon. pp 293-301.

Bento, J. O. (1995). *O outro lado do desporto*. Porto, Campo das Letras.

Bompa, T. (1999). *Periodization: theory and methodology of training* (4th Edition). Humam Kinetics, Champaign.

Borba R, Barreto, H. e Barreiros, J. (2007). *Encolhendo o espaço de jogo: insights para a compreensão do desenvolvimento tático-técnico da criança*. Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.

Borges, P. (2002). *Caracterização do Processo Ofensivo em Futebol de Sete*. Trabalho monográfico realizado no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da Licenciatura em Desporto e Educação Física da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Cabezón, J.M. & Fernández, J. (1996). *La mappa del gol*. *Notiziario Settore Tecnico* – FIGC, 4: 16-21.

Campos, C. (2008). *A Singularidade da Intervenção do Treinador como a sua «Impressão Digital» na... Justificação da Periodização Tática como uma «fenomenotécnica»*. Coleção Preparação Futebolística. MCSports.

Campos, L. (2003). *Profissão: treinador*. *Magazine Doze*, Ano I, nº 12, 28 de Março, 82.

Campos, V. J. A. (2007). *Periodização no Futebol – Estudo sobre as orientações conceituais e metodológicas utilizadas pelos treinadores no processo de treino*. Porto. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Carvalho, C. (2001). *No Treino de Futebol de rendimento superior. A recuperação é... muitíssimo mais do que “recuperar”*. Edição Liminho, Indústrias gráficas Lda. Braga.

Carvalho, J. & Pacheco, R. (1990). *Ensino do Futebol: Futebol de 11 ou Futebol de 7*, Revista Horizonte, Dossier Vol. V, 25: VII – XI, Lisboa.

Casáis, L., Domínguez E., Lago, C. (2009). Fútbol base : el entrenamiento en categorías de formación: volumen I. Mcsports.

Castelo, J. (1994). *Futebol. Modelo técnico-tático do jogo*. Lisboa: FMH.

Castelo, J. (1996). *Futebol – A organização do jogo*. Edição do autor.

Castelo, J. (1998). *Metodologia do treino desportivo* (2ª Edição). Lisboa: FMH Edições.

Chaves, P. M. M. (2007). *Importância do modelo de jogo único no processo de formação em futebol: estudo realizado com clubes da 1ª e 2ª Ligas*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Costa, E. J. S. (2009). *Conhecimentos, Concepções e Crenças sobre Treino de Jovens dos Treinadores da Academia do Sporting Clube de Portugal*. Porto. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Coutinho, P. (2009). *A formação desportiva de longo prazo do jogador de Voleibol em Portugal – estudo aplicado em função do género e do nível competitivo*. Porto. FADEUP. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Couto, P. (2007). *Estudo comparativo das sequências ofensivas finalizadas pelas equipas melhor e pior classificadas no Campeonato do Mundo de Futebol, Alemanha 2006*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Cunha, J. (2007). *Formar para a Excelência em Futebol. Estudo Comparativo entre a percepção de Jogadores e Treinadores, sobre a importância dos factores do treino, durante o processo de formação*. Monografia de Licenciatura. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Dufour, W. (1993). *Observation techniques of motor behavior – Scouting of soccer and computerization*. Comunic. Apresentada ao *Second World Congress of Science and Football*. Eindhoven.

Faria, R. (1999). *Periodização táctica: um imperativo conceptometodológico do rendimento superior em futebol*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física- UP.

Faria, R. (2002). Entrevista In Resende, N. (2002): *Periodização Táctica. Uma concepção metodológica que é uma consequência trivial do jogo de futebol*. Trabalho realizado no âmbito da disciplina seminário: Opção futebol. FCDEF-UP.

Faria, R. (2002). In “O Jogo”, Porto. 1 de Dezembro, pp: 26.

Fernandes, J. (2004). O processo de formação de jogadores de futebol na ilha de São Miguel (Açores): Que realidade?. Porto. Dissertação de licenciatura realizada no âmbito da disciplina Seminário do 5º ano do curso de Desporto e de Educação Física.

Fernandes, A. (1998). *Iniciação ao Futebol. Futebol de sete versus Futebol de onze. Estudo comparativo das acções de jogo no escalão de Escolas*.

Monografia realizada no âmbito do 5º ano da disciplina de Seminário da Licenciatura em Desporto e Educação Física da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Ferraz, R. (2005). *A “Intervenção Específica” como aspecto fundamental na interação treinador – exercício – jogador. Um estudo de caso com Nelo Vingada*. Porto. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Fonseca, H. (2006). *Futebol de Rua, um fenómeno em vias de extinção? Contributos e Implicações para a aprendizagem*. Dissertação de Monografia apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Freitas, R. (2004). *A especificidade que está na “concentração táctica” que está na ESPECIFICIDADE... no que deve ser uma operacionalização da “Periodização Táctica”*. Monografia apresentada à Licenciatura da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

FPF, FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FUTEBOL (2006): As Leis de Jogo do Futebol

FPF, Federação Portuguesa de Futebol (s.d.). *Leis de Futebol de 7*. Consult. 22 de Julho de 2013, http://www.fpf.pt/portals/0/Documentos/Institucional/EstReg/LeisdeJogo/leis_fut_7.pdf

Frade, V. (1985). *Alta competição no futebol – que exigências do tipo metodológico?* ISEF- UP. Porto. Não publicado.

Frade, V. (1998). Entrevista In *Modelo(s) de Jogo / Modelo(s) de Preparação – “Duas faces da mesma moeda”*. Um imperativo conceptometodológico no

processo de treino de equipas de rendimento superior? Dissertação de Licenciatura. FCDEF-UP. Porto

Frade, V. (2006). Entrevista in Fonseca, H. (2006). *Futebol de Rua, um fenómeno em vias de extinção? Contributos e implicações para a aprendizagem*. Monografia de licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Frade, V. (2009). Entrevista in Gomes (2009). *Alguns Pressupostos determinantes na Formação do Jovem Futebolista*. Monografia da Licenciatura, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Garganta, J. (1986). A preparação do jovem futebolista. Horizonte: Revista de Educação Física e Desporto, Vol. III (15).

Garganta, J. (1996). *Modelação da Dimensão Táctica do Jogo de Futebol. In Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos*. Porto: FCDEF-UP.

Garganta, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de Futebol – estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Dissertação de Doutoramento. FCDEF – UP. Porto.

Garganta, J. (2002). *O treino da táctica e da técnica nos jogos desportivos à luz do compromisso cognição-acção*. In: Valdir J. Barbanti, Alberto C. Amadio, Jorge O. Bento, António T. Marques (ed.), *Esporte e actividade física; Interação entre rendimento e qualidade de vida*. 281-306. Editora Manole Ltda. Brasil.

Garganta, J. (2004). *Futebol de Muitas Cores e Sabores: Atrás do Palco, nas Oficinas do Futebol*. In (Porto. Campo das Letras. ed., pp. 227-233).

Garganta, J. & Pinto, J. (1989). *Futebol Português: importância do modelo de jogo no seu desenvolvimento*. Horizonte: revista de Educação Física e Desporto. VI (33), pp. 94-108.

Garganta, J. & Pinto, J. (1994). *O ensino do futebol*. In “O ensino dos jogos desportivos”. Porto. Editores Graça, A. & Oliveira, J. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física - Universidade do Porto.

Garganta, J., Marques, A. & Maia, J. (2002). *Modelação táctica do jogo de Futebol: estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. In J. Garganta, A. Suarez & C. Peñas (Eds.), *A Investigação em Futebol: Estudos Ibéricos*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, pp. 51-66.

Gomes, D. (2009). *Alguns Pressupostos determinantes na Formação do Jovem Futebolista*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Gomes, M. (2006). *Do Pé Como Técnica ao Pensamento Técnico dos Pés Dentro da Caixa Preta da Periodização Táctica – um Estudo de Caso*. Porto. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Gonçalves, C. (2005). *O processo ofensivo em equipas de futebol de alto rendimento: estudo comparativo das sequências ofensivas finalizadas em equipas de diferentes campeonatos europeus*. Monografia de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Graça, A. (2009). Entrevista in Gomes (2009). *Alguns Pressupostos determinantes na Formação do Jovem Futebolista*. Monografia da Licenciatura, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Graça, A. & Oliveira, J. (1994). *O ensino dos jogos desportivos*. Ed. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos FCDEF – UP.

Harre, D. (1982). *Principles of sports training*. Berlim: Sportverlag.

Hughes, M., Robertson, K. e Nicholson, A. (1988). *Comparison of patterns of play of successful and unsuccessful teams in the 1986 World Cup for Soccer*. In T. Reilly, A. Lees, K. Davis & W. J. Murphy (Eds.), *Science and Football: Proceedings of the First World Congress of Science and Football*. Liverpool, 1987. . London:E. & F. N. Spon, pp. 363-367.

Joaquim, T. (2009). *Características da posse de bola e do processo ofensivo nos escalões de formação em Futebol. Estudo comparativo com equipas de Iniciados, Juvenis e Juniores*. Porto. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Leal, M. & Quinta, R. (2001). *O treino no Futebol - uma concepção para a formação*. Edições APPACDM. Braga.

Lemos, H. (2005). *Projecto de Formação em Futebol. Um passo importante para a construção de um processo de formação de qualidade. Estudo realizado no Departamento de Formação do Clube Desportivo Trofense*. Porto. Trabalho monográfico realizado no âmbito da disciplina de Seminário – Opção de Futebol do 5º ano da Licenciatura em Desporto e Educação Física.

Lobo, L. (2007). *Formação, Mitos e Utopias*. Consult. 18 de Abril de 2013, <http://www.planetadofutebol.com/index.php?search=futebol+de+rua>.

Lopes, M. (2009). Entrevista in Gomes (2009). *Alguns Pressupostos determinantes na Formação do Jovem Futebolista*. Monografia da Licenciatura, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Luchesi, P. (2003). *Pressing*. Spring city: Original Publications.

Madureira, N. (2013). *LC, a final alemã (I): tudo começou com um túnel de Capucho*. Consult. 10 de Junho de 2013, <http://www.maisfutebol.iol.pt/alemanha/alemanha-bundesliga-champions-dortmund-liga-dos-campeoes-bayern/1453374-1484.html>

Malina R.M., Bouchard C., e Bar-Or O. (2004) *Growth, maturation, and physical activity*, 2nd edn. Human Kinetics, Champaign, Ill.

Marques, A. (1985). *A carreira desportiva de um atleta de fundo*, *Horizonte*. 9, pág. 84-89.

Marques, A. (1997). *O sistema de competições na preparação de prospectiva de crianças e jovens*. Lição de síntese das provas de agregação. FCDEF - Universidade do Porto, 6 e 7 de Março (Documento não Publicado).

Marques, A. (1999): *Crianças e Adolescentes Atletas: Entre a Escola e os Centros de Treino... Entre os Centros de Treino e a Escola!*, Seminário Internacional Treino de Jovens, Secretaria de Estado do Desporto – CEFD, Lisboa.

Meinel, K. (1984). *Motricidade II – O desenvolvimento do ser humano* (S. Von der Heide, trad.). Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

Mendes, A. (2009). *O Perfil do Treinador de Futebol de Formação*. Estudo da percepção de treinadores acerca das características de excelência.

Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Micael, R. (2009). Entrevista in Gomes, D. (2009). *Alguns Pressupostos Determinantes na Formação do Futebolista*. Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da Licenciatura em Desporto e Educação Física, na opção de Futebol, na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Michels, R. (2001). *Team Building: The Road to Success*. Spring City: Reedswain Publishing.

Moita, M. (2008). *Um percurso de sucesso na formação de jogadores em Futebol. Estudo realizado no Sporting Clube de Portugal – Academia Sporting/Puma*. Monografia apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Mombaerts, E. (1996). *Football, de l'analyse du jeu à la formation du joueur*. ED. Actio. Joinville-le-Pont. France.

Neves, J. (2010). *Caracterização multidimensional de jogadores de futebol com 13-14 anos. Estudo com equipas da Associação de Futebol de Coimbra*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, com vista à obtenção do grau de mestre em Treino Desportivo para Crianças e Jovens.

Nogueira, M. (2005). *Análise da estrutura do treino, no escalão de iniciados e juvenis, em Futebol*. Dissertação para provas de Mestrado no ramo de Ciências do Desporto. FCDEF-UP, Edição do autor.

Oliveira, B., Amieiro, N., Resende, N. & Barreto, R. (2006). *Mourinho, porquê tantas vitórias?*. Lisboa: Gradiva.

Oliveira, J. G. (2004). *Conhecimento Específico em Futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino de aprendizagem/treino do jogo*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Oliveira, R. (2001). *Jogo Cruzado*. *O Jogo*, 11 de Fevereiro, 12.

Pacheco, R. (Ed.). (2001). *O Ensino do Futebol: Futebol 7 - um jogo de iniciação ao futebol de 11*. Porto. Grafiasa.

Pacheco, R. (2002). *Etapas a percorrer. Training. A revista dos profissionais do desporto*, 7, 22-25.

Pereira, A. (1996). *Futebol Juvenil em Portugal: Escola de Formação?* *Horizonte*, XIII, no73, 23-25.

Pinheiro, F. (2001). Caracterização do processo ofensivo em equipas de Futebol de nível elevado. Porto. Monografia de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Pinho, R. (2010). *Seleção Desportiva em Jovens Futebolistas Masculinos. Estudo do escalão sub-14 da Associação de Futebol de Aveiro*. Monografia apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, com vista à obtenção do grau de Mestre em Treino Desportivo para Crianças e Jovens, na área Científica de Ciências do Desporto, na especialidade de Treino Desportivo.

Pinto, J. & Garganta, J. (1996): *Contributo da modelação da competição e do treino para a evolução do nível do jogo no futebol. Estratégia e tática nos*

jogos desportivos colectivos. Editores: A. Graça e J. Oliveira. Centro de estudos dos jogos desportivos. FCDEF-UP. Porto.

Reilly, T. (2005). *Training Specificity for Soccer*. International Journal of Applied Sports Sciences, 17(2), 17-25.

Ribeiro, P. (2008). *Do Modelo e Concepção de Jogo à Análise da Performance no Futebol: o Treino enquanto indutor da Operacionalização de um modo de Jogar Específico. Estudo de Caso da Equipa de Sub-19 do Futebol Clube do Porto*. Monografia apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Santos, J. M. (2010). *Uma Época na Associação Juvenil Escola de Futebol Hernâni Gonçalves – Planear, Conduzir, Intervir e Avaliar no Processo de Treino*. Relatório de Estágio Profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Santos, P. (1998). *Projectos de Desenvolvimento dos Escalões de Formação*. Porto. Monografia realizada no âmbito da área Seminário – Opção Futebol – 5º ano, apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Santos, P. (2012). – *O modus operandi de um Departamento de Scouting de Futebol*. Relatório de estágio profissionalizante para obtenção do grau de Mestre em Gestão Desportiva, apresentado na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Scholten, B. (2005). *Van Gaal reflecte sobre lei Bosman*. Consult. 5 de Agosto de 2013, <http://pt.uefa.com/news/newsid=379978.html>.

Silva, A. (2008). *Pensar Futebol...em que «língua»? Implicações para a construção de um qualquer «jogar»*. Porto: Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Silva Cardoso, M. F. (2007). *Para uma teoria da competição desportiva para crianças e jovens: um estudo sobre os conteúdos, estruturas e enquadramentos das competições desportivas para os mais jovens em Portugal*. Porto. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Soares, F. (2009). *Análise comparativa da eficácia ofensiva entre as equipas do F.C. Porto e do F.C. Barcelona. Estudo realizado com recurso à Análise de Sequências*. Porto. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Stratton, G. (2004). *Youth soccer: from science to performance*. London: Routledge.

Tamarit, X. (2007). *¿qué es la «Periodización Táctica»? Tuy: MCSports.*

Teixeira, J. (2009). *O Ensino e Aprendizagem do Jogo nas Escolas de Futebol. Em busca de um entendimento*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Vale, P. (2001). *Equipas B em Portugal: Luxo ou Necessidade? Análise Crítica do período 1999-2001*. Porto. Monografia realizada na disciplina Seminário Desporto de Rendimento Futebol com vista à obtenção ao grau e Licenciatura em Desporto e Educação Física.

Vieira, M. (2006). *“Comunicação Específica” no Futebol*. Porto. Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em

Desporto e Educação Física, na área de Rendimento de Futebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Wein, H. (1993): *Programmi Vicenti Nel Calcio*, Koala Libri, Reggio Emilia.

Weineck, J. (1986). *Manual de Treinamento Esportivo*. São Paulo: Ed. II, Editora Manole.

Wiersma, L. (2000). *Risks and benefits of youth sport specialization: perspectives and recommendations*. Pediatric Exercise Science. Human Kinetics, Champaign, Illinois 12, 13-22.

Anexos

Ficha de Observação

Data:

Escalão:

Resultado:

Sector do Início do Processo Ofensivo	
SD	
SMD	
SMO	
SO	

Sector do Início do Processo Ofensivo resultante em Ações de Finalização	
SD	
SMD	
SMO	
SO	

Sector do Início do Processo Ofensivo resultante em Golo	
SD	
SMD	
SMO	
SO	

Finalização das ações de finalização através de:	
Contra-Ataque	
Ataque-Rápido	
Ataque Posicional	
Bolas Paradas	

Obtenção do Golo através de:	
Contra-Ataque	
Ataque-Rápido	
Ataque Posicional	
Bolas Paradas	

